

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**KENNYA SOUZA SANTOS**

**AS GUERRAS ANGLO-BÔERES ATRAVÉS DE CARICATURAS DA REVISTA  
ILUSTRADA *PUNCH MAGAZINE*, (1881-1902).**

**Florianópolis**

**2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

KENNYA SOUZA SANTOS

AS GUERRAS ANGLO-BÔERES ATRAVÉS DE CARICATURAS DA REVISTA  
ILUSTRADA *PUNCH MAGAZINE*, (1881-1902).

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do título de bacharel em História  
pela Universidade Federal de Santa Catarina,  
sob Orientação do Professor Dr. Sílvio  
Marcus de Souza Correa.

Florianópolis

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

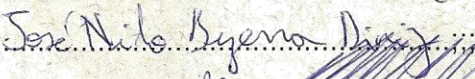
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às dez horas, na sala dez do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Sílvio Marcus de Souza Correa**, Orientador e Presidente, Professor **José Nilo Diniz**, Titular da Banca, e Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, Suplente, designados pela Portaria nº 47/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Kennya Souza Santos**, subordinado ao título: “**Os impactos da política imperialista britânica nas relações entre ingleses e bôeres durante A guerra dos Bôeres através de caricaturas e representações da revista ilustrada Punch magazine, entre (1881-1902)**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi argüida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor **Sílvio Marcus de Souza Correa**, a nota final .....; do Professor **José Nilo Diniz**, a nota final ....., e do Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, a nota final .....; sendo aprovada com a nota final ..... A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

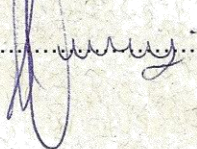
Florianópolis, 5 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. **Sílvio Marcus de Souza Correa** ..... 

Prof. **José Nilo Diniz** ..... 

Prof. **Henrique Luiz Pereira Oliveira** ..... 

Candidata **Kennya Souza Santos** ..... 

Dedico esta minha realização  
às mulheres da minha vida.  
Rosemary, Bruna, Maria, Roseli e  
Pâmela.

## RESUMO

A importância da *Punch Magazine* no estudo sobre o grande período do Imperialismo Britânico no século XIX vem sendo pouco abordada. Com suas caricaturas satíricas, o periódico, auxiliou na disseminação da ideologia imperialista, imprimindo uma cultura, e abrindo espaço para o que podemos chamar de “império informal”.<sup>1</sup> O estudo deste trabalho está centrado em analisar as caricaturas desta revista ilustrada entre os períodos de 1881 a 1902 dentro da temática da Guerra Anglo-Bôer. A Guerra se trata de um conflito entre “brancos” e disputa territorial na África Austral, entre o Império Britânico e os Bôeres (descendentes de holandeses e alemães) durante os períodos de 1880 a 1881 e de 1899 a 1902. A grande circulação da *Punch* trouxe impactos na política imperialista britânica e nas relações entre ingleses e bôeres ao longo do conflito, tendo sido um grande instrumento do império britânico.

Palavras-chave: caricaturas; imperialismo; África; Guerra dos Bôeres.

---

1 SCULLY, Richard. A Comic Empire: The Global Expansion of *Punch* as a Model Publication, 1841-1936. *International Journal of Comic Art*, Volume 15, No.2, 2013. P.6-10.

## ABSTRACT

The importance of Punch Magazine in the study about the great period of British imperialism in the nineteenth century has been not enough discussed. With its satirical caricatures, the periodic supported the spread of imperialist ideology, printing a culture, and making room for what we call "informal empire".<sup>2</sup> The study of this work is focused on analyzing the cartoons in the magazine illustrated between the periods of 1881-1901 within the theme of Anglo-Boer War. The War was a conflict between "whites" and territorial dispute in southern Africa between the British Empire and the Boers (descendants of Dutch and German) during the periods 1880 to 1881 and from 1899 to 1902. The general circulation of Punch brought impacts in the British imperialist policy and also on the relations between the British and the Boers, being a huge instrument of the British Empire.

Keywords: cartoons; imperialism; Africa; Boer War.

---

<sup>2</sup> Idem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO I- O Império do Riso: A “London Charivari”.....</b>	<b>9</b>
1.1 John Tenniel, um cartunista.....	13
1.2 “A Lição”: o humor como fonte.....	14
<b>CAPÍTULO II- “Tirando a medida das colônias”: A expansão britânica no Sul da África.....</b>	<b>18</b>
2.1 “Um Preto “elefante branco””: Conflitos territoriais.....	22
2.2 A Primeira Guerra Anglo-Bôer e “A Escola de Mosqueteiro”.....	26
<b>CAPÍTULO III- “The Rhodes Colossus”.....</b>	<b>31</b>
3.1 “The War Planet”: Preâmbulos de uma nova guerra.....	34
3.2 “Plain English”: A ofensiva bôer e reação britânica.....	37
<b>CAPÍTULO IV- “Bravo Bobs”: A contra-ofensiva Britânica.....</b>	<b>42</b>
4.1 “The sinking ship”.....	49
4.2 “Urgent” Guerra de guerrilha.....	51
4.3 “Her worst enemy”: A Paz.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: O que a Punch Magazine não ilustrou.....</b>	<b>56</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>58</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

A história cultural tem tido um importante papel na inserção de caricaturas no campo historiográfico.<sup>3</sup> A partir de um estudo para qual as imagens não são vistas apenas como um retrato verdadeiro ou falso de uma realidade e cotidiano.<sup>4</sup> Para tanto, os estudos sobre figuras ilustradas com caráter satírico tem ultrapassado o sentido de simples do humor. Percebidas e analisadas assim como fonte de estudo no campo da história, trabalhadas de maneira a serem interpretadas.

Durante as pesquisas no Laboratório de Estudos de História da África – LEHAF, fui introduzida a *Punch Magazine* como um periódico ilustrado inglês do século XIX, mantendo-se no século seguinte, que abordava o imperialismo britânico na África através também de caricaturas. Sendo assim, percebi o quão ricas eram essas imagens no estudo das políticas imperialistas na África do Sul, tema do qual sempre me interessou, servindo como documento primário para uma análise historiográfica mais balizada sobre o tema, análise esta pouco realizada por historiadores.

Em relação às caricaturas, me chamou atenção, em particular, duas questões: A Guerra Anglo-Zulu e a Guerra Anglo-Bôer, ambas tendo como plano de fundo a África austral. Dessa forma decidi por analisar a segunda, referente à questão Bôer, como forma de melhor compreender o conflito, suas relações e políticas empregadas por ambos os conflitantes, neste caso, Britânicos e Bôeres.

Com isso, espero contribuir no campo historiográfico para um maior entendimento de tais estudos, que nos encaminham para análises de cotidiano e novas perspectivas, temas anteriormente pouco abordados que vem ganhando novos direcionamentos, como é o caso das representações através de expressões gráficas de humor. As caricaturas nos permitem, através da crítica e comicidade, compreender temporalidades dinâmicas em meio ao universo que se constituem, nos permitindo construir histórias singulares por meio de novos campos de análises, como a linguística, arquétipos e tradução cultural.

O Historiador ao trabalhar com as subjetividades que se movimentam e circulam em diferentes espaços e tempos históricos, está buscando elaborar uma narrativa sobre tais processos

---

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Baurú: EDUSC, 2004.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.



sociais, econômicos e culturais que se desenvolvem em meio. A imagem, em especial aqui a caricatura, auxilia na compreensão e estudo como fonte de pesquisa em história. Por muito tempo a imagem não foi vista como fonte confiável, devido a sua subjetividade, bem como os *cartoons*, no que se diz respeito ao seu conteúdo satírico.

Dentro desta perspectiva, a historiografia acerca do imperialismo britânico na África do Sul e sua história em geral, bem como seu estudo por meio de imagens e periódicos, vem sendo tratado por alguns autores que trabalham principalmente os conflitos nesta região. Dentre estes autores ganham destaque as obras de Richard Scully, H. L. Wesseling e Richard D Altick. Com relação ao conceito de imperialismo foram trabalhados autores como Edward Said e Eric Hobsbawm. Na vertente da história cultural Roger Chartier e Peter Burke.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho está em analisar o conflito entre ingleses e bôeres durante A Guerra Anglo-Bôer através de caricaturas e representações da revista ilustrada *Punch Magazine*, entre os períodos de 1881 a 1902. Perceber a política imperialista britânica por meio das caricaturas da revista *Punch*. Bem como compreender os processos sociais, culturais e cotidianos durante o período da Guerra. Sendo ainda, buscar entendimento na relação, ingleses e bôeres, durante o andamento do conflito.

Ainda no primeiro capítulo será abordada a questão da *Punch Magazine*, sua criação e a utilização da mesma como instrumento do império britânico, no que se refere a sua influência cultural e política. Tratarei também no primeiro capítulo, ainda que sinteticamente, sobre um dos principais caricaturistas da *Punch*, destaque deste estudo assinando 16 das 26 imagens selecionadas, John Tenniel. Sendo ainda, as abordagens atuais utilizadas neste trabalho no uso de charges e caricaturas, tendo o humor como fonte.

O segundo capítulo abordará a questão da expansão britânica na África do Sul. Através do mesmo procuro ilustrar o panorama político e cultural das medidas imperialistas inglesas da época e para com isso compreender, posteriormente, sua influência no desenvolvimento das ilustrações do periódico em estudo nas relações entre ingleses e bôeres durante a guerra.

A análise do capítulo segundo ainda abordará de forma sintética conflitos territoriais anteriores a Guerra Anglo-Bôer. Concluindo, com o início das divergências entre brancos na África, o que podemos chamar de Primeira Guerra Anglo-Bôer.

No terceiro capítulo entrarei a fundo na discussão a respeito dos conflitos entre Bôeres e Britânicos, como disputas territoriais, econômicas e influências de poder, levando a Segunda

Guerra Anglo-Bôer. Tendo destaque a decisão bôer em iniciar uma ofensiva colocando seu batalhão à frente.

Por fim, o quarto capítulo será dedicado à análise das disputas, em conflitos específicos, avanços territoriais e contra-ofensiva britânica. Esta análise se dividirá em três grandes eixos temáticos: o primeiro se refere à derrota bôer quando Kruger, líder dos bôeres, abandona suas terras tomadas; a guerra de guerrilha, em uma tentativa desesperada de por fim aos embates; e ainda sobre a longa extensão desnecessária da guerra sem ter-se feito presente a paz.

## CAPÍTULO I - O IMPÉRIO DO RISO: A “LONDON CARIVARI”.

A revista ilustrada de conteúdo satírico *Punch Magazine*, ou conhecida também como *The London Charivari*, assim intitulada em suas primeiras edições, foi inspirada no periódico francês *Le Charivari*. Publicada entre os períodos de 1841 a 1992 e 1996 a 2002, sua primeira edição em 17 de julho de 1841, quatro anos após a Rainha Victoria subir ao trono, possuía tiragens semanais. A *Punch* introduziu o termo *Cartoon* como o conhecemos hoje, suas charges políticas e sociais seduziram e influenciaram imensuravelmente governos e uma época.<sup>5</sup>



<sup>5</sup> PUNCH MAGAZINE. About Punch Magazine Cartoon Archive. Punch. 2014. Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/about/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>6</sup> *Punch Magazine*. Londres: Vol.1, Capa, 17 jul. 1841. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Uma instituição inteiramente britânica reconhecida internacionalmente pela sua inteligência e irreverência. Famosa por seu humor satírico em caricaturas, vindo a ser, sem dúvidas, uma das maiores fontes e mais fascinante conteúdo sobre os séculos XIX e XX, evidenciou os problemas sociais e políticos em questão na época, na visão de Altick, uma testemunha jornalística da história, não refletindo, contudo um consenso nacional<sup>7</sup>. Basta folhear suas páginas e a primeira coisa a se notar é a coragem em ilustrações confiantes, caricaturas que brilhantemente satirizam figuras políticas da época, entre símbolos nacionais ha digladiar-se no cenário mundial, altura em que, por volta da década, 1840 e 1850, a Grã-Bretanha era a nação mais poderosa e maior império da história.

É também uma alegria abrir um volume da *Punch*, uma janela para outro ponto no tempo, perceber como as coisas eram diferentes e como algumas outras se mantiveram, onde o futuro estava sendo imaginado com invenções e inovações. A escrita e suas maravilhosas imagens mantém vivo o espírito de uma Grã-Bretanha há muito tempo. Se a intenção era, por assim dizer, a de uma revista séria, satírica e política, ela certamente possuía de muitas partes sociais engraçadas.

Os *cartoons*, assim nomeados, como forma de expor críticas durante um período de pobreza e injustiça social,<sup>8</sup> foram nos primeiros anos da *Punch* desenhados por John Leech e sugeridos por Henry Mayhew, além de outros famosos membros da equipe como os autores William Makepeace Thackeray e Thomas Hood e os ilustradores, cartunistas, John Leech e Sir John Tenniel.<sup>9</sup> Esses talentos exemplificavam os pontos fortes e caráter da *Punch* em comentários sociais espirituosos e ilustrações amorosamente trabalhadas dentro de um tipo particular de humor inglês, muito bem recebido pela população, incluindo o público feminino, uma vez que seu conteúdo não era considerado inapropriado. As pessoas esperavam ansiosamente para ver os mais recentes trabalhos a cada semana e a *Punch* passou a ser vista como o ponto de vista oficial Inglês.<sup>10</sup> Exercendo influências para além do círculo europeu, sendo também encontrada, de fácil

---

<sup>7</sup> ALTICK, Richard D. *Punch: The Lively Youth of a British Institution, 1841-1851*. Columbus: Ohio State University Press, 1997.

<sup>8</sup> PUNCH MAGAZINE. *About Punch Magazine Cartoon Archive*. Punch. 2014. Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/about/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>9</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Punch*. Encyclopaedia Britannica. 2014. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/483431/Punch>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>10</sup> ALTICK, Richard D. *Punch: The Lively Youth of a British Institution, 1841-1851*. Columbus: Ohio State University Press, 1997.

acesso, em sala de leituras e cafés na África do Sul, como demonstra no periódico abaixo, *The Natal Witness*:

**Pietermaritzburg Commercial Exchange  
Rooms.**

***Reading, Billiard, and Coffee Rooms,***  
27, CHURCH STREET, OPPOSITE THE MARKET SQUARE.

**T**HE above Establishment (at Mr. REPSOLD'S New Building,) will be OPENED under the management of Mr. Challinor, and Regulations drawn up by a Committee of Members, on the 1st day of JANUARY, 1853.

The Reading Room will be regularly supplied, by every mail, with the following Newspapers, &c:—

London Daily Times, Sunday Times, Examiner, Illustrated London News, <b>Punch</b> , Chambers' Edinburgh Journal, Edinburgh Review, Quarterly Review, Blackwood's <b>Magazine</b> .	Dublin <b>Magazine</b> , Colburn's New Monthly, Bentley's Miscellany, Westminster Review, Cape Monitor, Natal Times, Natal Gazette, Natal Witness, and Natal Independent.
--	---

Those Gentlemen who wish to become Members, can procure Tickets from Mr. Challinor, at the Library.

11

Houve muitas etapas em direção ao sucesso da *Punch*, este já atingido nos primeiros 10 anos de sua publicação, longe de um entusiasmo e confiança em suas páginas que refletiam a identidade nacional, o progresso e a grande Era do Império. Em pleno andamento do “boom” do consumo por motivo da Revolução Industrial, não só roupas ou materiais eram consumidos, mas também, acompanhando, a cultura impressa, em livros, jornais e revistas. O período foi marcado por grandes e diversos lançamentos de periódicos.<sup>11</sup> Contudo, a *Punch* atingiu sim seu sucesso.

A diretoria da *Punch* constituía-se em si por um clube de cavalheiros exclusivamente ingleses, estes homens inteligentes e de meia-idade, se reuniam a noite para contar piadas, compartilhar fofocas da semana e, finalmente, depois do jantar, entre charutos, discutiam a próxima edição. Passaram pela a mesa, após Mayhew, Shirley Brooks, Tom Taylor e Francis Burnand. Dos cartunistas, os quatro maiores da era vitoriana, Leench, Tenniel, du Maurier e Sambourne, supridos, no século XX, por Bernard Partridge, Leonard Corvo Hill, Leslie

<sup>11</sup> *The Natal Witness*. África do Sul, Pietermaritzburg: 20 out. 1852. p.1. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/consultasAcessos/SABERBasesAcessoRestrito.html>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>12</sup> ALTICK, Richard D. *Punch: The Lively Youth of a British Institution, 1841-1851*. Columbus: Ohio State University Press, 1997.

Illingworth e EH Shepard, complementados por obras de George Morrow, Charles Harrison, Lewis Baumer, JH Dowd, Frank Reynolds, George Belcher.<sup>13</sup>

A *Punch*, por ser um espelho da sociedade inglesa, que comentavam sobre o que seus escritores e cartunistas acrescentavam às páginas, incitando a mudança social e alardeando suas próprias causas nacionais, tornou-se uma luz para o Império britânico e é um monumento único na história britânica e mundial.

O periódico pode ser assim percebido como um instrumento do império britânico, disseminando sua ideologia, imprimindo uma cultura, atuando, por exemplo, como uma forma de ferramenta no controle colonial, sendo centro, como se refere Scully<sup>14</sup>, do seu próprio “Império Informal”<sup>15</sup>. Seus exemplares circularam amplamente nas regiões de domínio do império, sendo citado em jornais desde Montreal a Melbourne.

Yet the Age of Empire was not only an economic and political but a cultural phenomenon. The conquest of the globe by its “developed” minority transformed images, ideas and aspirations, both by force and institution, by example and social transformation.<sup>16</sup>

Seu alcance mundial e notável, aparecendo algumas imitações de seu exemplar, como a *Punch* no Canadá, a *Cape Punch* na África do Sul e a *Melbourne Punch*, que buscavam copiar o periódico metropolitano. Tais exemplares foram de curta duração, mas demonstram a abrangência da *Punch* e o desdobramento do humor satírico. Para além do império, aqui temos um mundo britânico sendo distribuído transnacionalmente através da comunicação como um primeiro estágio de um projeto muito maior. Por assim, entende Scully, estabelecendo e mantendo uma interação e contato que unia o Império Britânico e o “mundo britânico” em conjunto.<sup>17</sup>

Com relação a disputas de poder, a *Punch* defendeu diversas causas políticas e sociais, contudo, nunca se posicionou quanto a partidos políticos afirma Scully:

---

<sup>13</sup> PUNCH MAGAINE. About Punch Magazine Cartoon Archive. Punch. 2014. Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/about/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>14</sup> SCULLY, Richard. *A Comic Empire: The Global Expansion of Punch as a Model Publication, 1841-1936*. International Journal of Comic Art, Volume 15, No.2, 2013. p.8.

<sup>15</sup> Livremente traduzido pela autora.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric J. *The Age of Empire: 1875-1914*. New York: Vintage Books Ed., 1989.p.76.

<sup>17</sup> SCULLY, Richard. *A Comic Empire: The Global Expansion of Punch as a Model Publication, 1841-1936*. International Journal of Comic Art, Volume 15, No.2, 2013. p.8.

Punch nevertheless maintained an aloof posture in terms of party politics-- happy to sling mud at both W. E. Gladstone's Liberals and Benjamin Disraeli 's Conservatives in equal measure (...)Though because of its editorial structure, Punch tended to express guarded admiration for the right wing of politics, while maintaining an essentially Liberal bent (...).<sup>18</sup>

A *Punch* consistiu, portanto como um excelente complemento ao sistema imperial, disseminando um modo econômico, político e influência cultural. Atuando como um “império informal”, onde o controle podia ser exercido sem ao menos necessitar “sujar as mãos”. Todavia, provavelmente, aqueles que produziam seus exemplares não possuíam consciência do alcance de seus atos e influências.

### 1.1 JOHN TENNIEL, UM CARTUNISTA.

As caricaturas são fontes históricas próprias de um tempo presente, ferramentas na compreensão histórica de acontecimentos do cotidiano, contemplando assim múltiplos olhares e vozes, além de envolver diversas camadas da sociedade, como política, gênero, relações de poder, trabalho, cultura e identidade. Constituindo-se assim documentos específicos, referenciando novos campos de pesquisa na produção histórica. Diante disto, não podemos deixar de considerar aquele que faz referência a tantos sentidos, o cartunista, ou, podendo assim ser considerado “o humorista, profissional da ressemantização, especialista em deslizamentos de sentidos”.<sup>19</sup>

Dentre os mais famosos cartunistas da *Punch* e autor de 16 imagens das 26 trabalhadas nesta pesquisa, o artista, ilustrador e satírico Sir John Tenniel, merece assim destaque nesta narrativa. Seu período de grande produção na *Punch* foi durante a segunda metade do século XIX, se mantendo na revista por mais de 50 anos.<sup>20</sup> Considerado de suma importância em estudos do período, como um grande cartunista da época, nomeado cavalheiro pela Rainha em 1893, possui diversas biografias e pesquisas a ele dedicadas. Além do sucesso na *Punch* como um

---

<sup>18</sup> Ibidem. p.11.

<sup>19</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998. P.345 apud CAMPOS, Emerson Cesar de; PETRY, Michele Bete. *Histórias desenhadas: os usos das expressões gráficas de humor como fontes para a História*. Revista Catarinense de História, Florianópolis: n.17, 2009. P.135.

<sup>20</sup> Dados analisados a partir de pesquisa no periódico.

dos maiores artistas políticos da revista, Tenniel assina ainda outras famosas obras, como *Alice in Wonderland* (1865) e *Alice Through the Looking Glass*.<sup>21</sup>

Sua tarefa era construir imagens a partir das escolhas deliberadas de seus editores, que muito provavelmente usufruíram de ideias vindas do Jornal *Times* ou então sugestões de tensões políticas providas do Parlamento. Contudo, Tenniel sempre inovou em obras perspicazes, instigantes e repletas de humor satírico.

A inteligência nas charges é usar de assuntos politicamente eminentes e incrementá-los com humor. Diante disto, questões do período vitoriano, como o radicalismo de classe, de trabalho, guerra, economia e outros temas nacionais foram igualmente alvos da *Punch*, que por sua vez ordenou a natureza dos assuntos de Tenniel. Muitas de suas charges políticas expressaram ainda a falta de cuidado por parte de autoridades britânicas com sua própria terra ou nação, estando estes com olhos longínquos, em outros continentes, expressando um interesse maior do Império em suas colônias, devido, muito provavelmente, por tensões externas.

## 1.2 “A LIÇÃO”: O HUMOR COMO FONTE.

O vocábulo (do italiano, caricatura, de *caricare*, "carregar", "acentuar") foi utilizado pela primeira vez em 1646, para designar uma série de desenhos satíricos de Agostino Carracci que focalizava tipos populares de Bolonha. O termo, porém, já fazia parte do jargão artístico. Logo em seguida, e como consequência direta da litografia, surgiram os periódicos especialmente dedicados à caricatura, entre os quais o semanário *La Caricature* (1830) e o diário *Le Charivari*, franceses, ambos fundados por Charles Philipon.<sup>22</sup> Na senda aberta por *Le Charivari*, logo apareceriam numerosos outros periódicos, em toda a Europa, entre eles, na Inglaterra, *A Punch*.

Desde séculos a.C. homens e mulheres já eram representados em pinturas, gravações em ossos e cerâmicas. O que dizer então do período renascentista com ilustrações em dimensões humanas, ou ainda do expressionismo. No entanto, quando elementos do satírico e do risível são adicionados a desenhos, este ganha outra denominação. O *cartoon*, ou charge, gênero criado pelos ingleses, caracteriza-se basicamente por seu aspecto anedótico. Compõe-se geralmente de

---

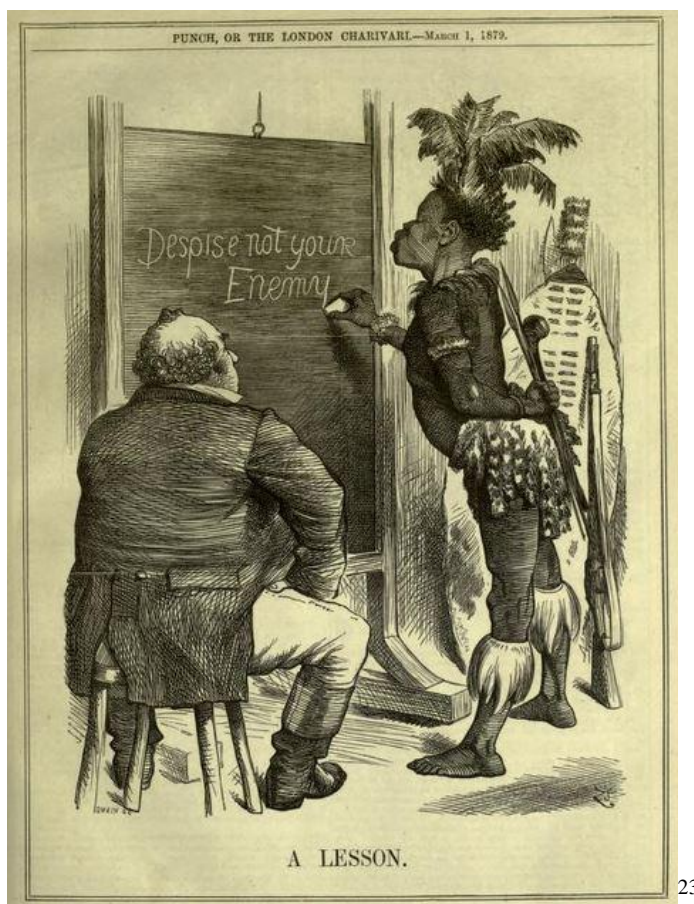
<sup>21</sup> *The Rhodesia Herald*. Harare, Zimbabwe: p.10, 05 mar. 1914. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/consultasAcessos/SABERBasesAcessoRestrito.html>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>22</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Punch*. Encyclopaedia Britannica. 2014. Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/1347521/caricature-and-cartoon>>. Acesso em: 26 set. 2014.



um desenho e pode vir acompanhado ou não de palavras. Chama-se caricatura todo desenho que acentua detalhes ridículos. O desenho caricatural constitui um gênero de cunho satírico. A caricatura é a reprodução gráfica de uma pessoa, animal ou coisa, de uma cena ou episódio com acontecimentos do cotidiano, exagerando-se certos aspectos com intenção satírica, burlesca ou crítica.

Segue um exemplo de caricatura abaixo retirada das páginas da *Punch*. Em meio ao período de colonialismo na África, conflitos territoriais coloniais foram destaques em charges de diversos periódicos. A caricatura aqui em questão faz referência à Guerra Anglo-Zulu (1879), entre o Império Britânico e o Reino Zulu em disputa pela região da Zululândia, na qual os ingleses sofreram grandes perdas com a derrota na batalha de Isandlwana, datada anterior à imagem, mas se encerram vitoriosos ao final da Guerra.



<sup>23</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.76, p.91, 03.jan.1879. Disponível em:< <https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

O desenho revela a forma de um guerreiro Zulu ensinando a um inglês, representado na figura do John Bull, que na Guerra você nunca deve desprezar seus inimigos. A imagem destaca outra característica da caricatura, de transcender o individual, e sair do âmbito privado para particularizar o coletivo de uma época ou de um povo. A figura de John Bull, por exemplo, estampada em exemplares da *Punch* por Sir John Tenniel e John Leech, mais que um desenho caricato, é um símbolo do povo britânico, de suas mais íntimas convicções, sendo ainda um conhecido personagem nos dias atuais, mostrando assim o poder verdadeiramente divinatório dos caricaturistas que primeiro o idealizaram.

A caricatura, como representada inicialmente na segunda metade do século XIX, nos permite ampliar as possibilidades de estudo sobre um sujeito e seu tempo. Mesmo que em discursos críticos, ou neutros, de posicionamentos ou não, são ainda representações de uma memória e tempo. A caricatura está presente, por meio de sua produção, em um cotidiano vivenciado por um determinado momento histórico imediato pertencendo a uma memória coletiva. Por memória coletiva entende-se, segundo Le Goff<sup>24</sup>, um conjunto de memórias conscientes ou não, vividas por uma determinada comunidade definindo, criando uma identidade. Contudo, ela também atravessa a dimensão temporal e de memória, não dependendo da atualidade ou de até mesmo reconhecimento de seus sujeitos para existir. Todavia, com relação a sua compreensão, a complexidade de sua linguagem como comunicação nos permite uma série de significações, sociais e culturais. Em meio ao processo interpretativo da tradução cultural, tal complexidade linguística nos faz atingir o intraduzível, no entanto a caricatura não se encontra deixada no passado, mas sim presente entre essa linha tênue entre o traduzível e o intraduzível.<sup>25</sup>

A caricatura é cruel, acentua os defeitos, é sempre política, busca adeptos às suas ideias pela força do riso, seu envolvimento com os assuntos em questão, do momento, é sua base. Desta forma, está sempre interagindo, através do humor, com o processo histórico que a constitui através dos sujeitos envolvidos em sua produção, se mantendo sempre atualizada e se tornando dinâmica.

Nesse sentido, as caricaturas e *cartoons* nos permitem construir narrativas singulares da história, através de uma atividade realizada de forma consciente ou inconsciente por todo estudioso das ciências humanas, da linguística e em particular na história, possuindo importância

---

<sup>24</sup> LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. 5 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

<sup>25</sup> CAMPOS, Emerson Cesar de; PETRY, Michele Bete. *Histórias desenhadas: os usos das expressões gráficas de humor como fontes para a História*. Revista Catarinense de História, Florianópolis: n.17, 2009, p. 135.

central no ofício do historiador: a tradução cultural. Uma distância temporal e conceitual nos separa do objeto, compreender a importância e significado de tais concepções para o tempo presente e o que move o trabalho histórico, o que requer uma gama enorme de conhecimento e saberes para além de um conteúdo específico. O objetivo aqui está em fazer esta imagem suficientemente compreensível ao ponto de devolver o riso ao tempo atual e presente.

## CAPÍTULO II- “TIRANDO A MEDIDA DAS COLÔNIAS”: A EXPANSÃO BRITÂNICA NO SUL DA ÁFRICA.

“O principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra”.<sup>26</sup>

Edward Said.

A cultura do imperialismo inglês deve ser considerada um grande objeto de estudo tratando de sua enorme expansão. Seus elementos culturais e imperialistas, não eram imperceptíveis, nem ocultavam seus interesses, muito pelo contrário, detinham de uma clareza a serem notados, percebidos e compreendidos em seus caminhos e influências. Diante disto, diversas formas culturais, como encontradas principalmente em impérios ocidentais do século XIX e XX, são de grande relevância como fontes de identidade e formação de atitudes no estudo do imperialismo. A diferentes formas culturais me refiro a objetos estéticos, como romances, periódicos, imagens, relacionadas à sociedade em expansão e seu meio, no caso a Inglaterra, merecendo assim destaque como tema de estudo.<sup>27</sup>

De outro ponto de vista, essas diferentes formas culturais eram também percebidas na metrópole. Assuntos como economia e política, naquele período era entretenimento, bastava inserir um pouco de ironia a assuntos vigentes e tinha-se uma bela e atrativa notícia. Diante disto a caricatura possuía seu lugar de destaque como objeto estético, onde revistas ilustradas que possuíam ampla influência global eram de grande contribuição na expansão da cultura do imperialismo. E quando o assunto é cultura e imperialismo, ou melhor, a influência da primeira como instrumento da segunda no Império Britânico e suas colônias, merece destaque as imagens da *Punch Magazine*.

A Grã-Bretanha, em seu auge no século XIX, era o maior império da história e, por mais de um século, foi a primeira potência mundial. Fez seus primeiros esforços e tentativas para estabelecer colônias ultramarinas no século XVI. Durante a expansão marítima, impulsionada por ambições comerciais, e pela concorrência com a França, acelerou seu processo de expansão e no século XVII estabeleceu assentamentos na América do Norte, mantidos até o século XVIII. A guerra dos sete anos (1756-1763) com a França garantiu a Grã-Bretanha o Canadá e as Índias Ocidentais. No início do século XIX, havia colônias britânicas no Canadá, assentamentos nas

---

<sup>26</sup> SAID, Edward w. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p.11.

<sup>27</sup> Ibidem.

Bermudas, Honduras, Antígua, Barbados, Nova Escócia, Índia Orientais, África Ocidental e Oriental, bem como a Colônia do Cabo, Austrália e Nova Zelândia. O Império Colonial Britânico no início do século XIX era de uma imensidade impressionante.



LORD JOHN TAKING THE MEASURE OF THE COLONIES

28

A imagem acima de Lord John tirando a medida das colônias é um prato cheio na compreensão deste desenvolvimento colonial Inglês e em suas formas de exercê-lo. Datada de 1850, período de grande dilatação do império, resume suas principais novas conquistas em diferentes partes do planeta. O cenário da figura representa o que seria uma alfaiataria, onde as medidas dos personagens, as colônias, eram tiradas, para que se encaixassem perfeitamente em um modelo de terno inglês. O nome do local, Russel e Co, faz referência ao primeiro ministro da época, Lord John Russel. Ao fundo esquerdo temos um cartaz ilustrando John Bull que afirma:

<sup>28</sup> *Punch Magazine*. Londres: Vol.18, 15.fev.1850, p.75. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

“in this style”, neste estilo<sup>29</sup>, ou seja, aos moldes britânicos. Claramente referenciando não apenas uma maneira em se vestir, mas toda uma cultura imperialista a se seguir por parte das colônias.

Com relação aos personagens, temos o sul da América representado pela Guiana Francesa, se observando no espelho, orgulhosa de si como um “cliente satisfeito”, consolidada já colônia. Ao fundo direito, a Nova Zelândia, aparentemente involuntária, uma vez que havia se declarado independente voltando a ser colônia no fim do século XIX. Temos ainda *Van Diemen's Land* no canto esquerdo, que bem como a Austrália, no mesmo período anteriormente citado, foram colônias penais, para que a Inglaterra pudesse deportar um populacional indesejado e criminosos. No canto direito, Mauritius e a muito “bem vestida”, Colônia do Cabo da Boa Esperança, ocupada em 1806 pelos britânicos.<sup>30</sup>

O Império Britânico se diferencia de todos os outros e serviu como exemplo. Não foi apenas político e nem econômico, mas envolveu toda sua sociedade em um processo de expansão. Tal processo assumia formas variadas, como emigração, colonização, comércio, investimentos, transferência de cultura e influências. Milhões de britânicos deixaram sua nação para povoar novos mundos, e outros milhões foram investidos nestas novas colônias povoadas por Europeus, em principal Estados Unidos, Canadá e Austrália, esta para onde inicialmente eram enviadas a população indesejada como já referido. A África e a Índia até então eram vistas como fim de comércio e investimentos. Contudo, em exceção, a exemplo de colonização branca na África temos a África do Sul, o maior assentamento de brancos em grande escala no continente.<sup>31</sup>

O Cabo da Boa Esperança, posterior a Bartolomeu (1488), iniciou de fato sua colonização branca em 1652, com a chegada de Holandeses. A Colônia foi criada pela Companhia das Índias Orientais holandesa em 1652. Posteriormente, foi ocupada pelos holandeses até que, em 1806, como resultado das Guerras Napoleônicas, tornou-se posse britânica. Tornando-se permanente em convênio firmado em 1814.

Em 1795, quando as forças revolucionárias francesas invadiram os Países Baixos, o Cabo foi ocupado pela Grã-Bretanha. A princípio pareceu ser um arranjo temporário, já que pelo Tratado de Amiens a colônia foi devolvida para a República Batava, mas logo depois se reiniciaram as hostilidades e, em 1806, o Cabo mais uma vez foi ocupado por tropas britânicas.

---

<sup>29</sup> Livremente traduzido pela autora.

<sup>30</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.292.

<sup>31</sup> *Ibidem*.p.289.

Ratificou-se essa ocupação no Tratado de Londres em 1814, quando a Grã-Bretanha já consolidara sua supremacia colonial e marítima nas Guerras Napoleônicas.<sup>32</sup>

Com a chegada da Inglaterra, uma nova fase se inicia. Os britânicos estabeleceram um governo arbitrário, que suprimiu os holandeses na África, também conhecidos como os bôeres ou *afrikaners* (africânderes), interferindo com as políticas nacionais, com os nativos e abolição da escravidão. Todavia, os africânderes ali firmados não acreditavam na igualdade entre brancos e negros. O domínio britânico não foi muito bem aceito pelos que ali viviam, dando início a uma tensão que iria dominar a história da África do Sul, entre bôeres e britânicos.

A identidade *afrikaner* possuía características religiosas (calvinismo, crença na predestinação de um povo eleito), psicológicas (iniciativa, independência), linguísticas (o *afrikaans* é constituído por um holandês arcaico acrescido de elementos do português, do inglês, de línguas asiáticas e, principalmente, das línguas africanas da região), e, estrutura socioeconômica (patriarcalismo) e tecnológica (adoção das tecnologias de criação e agricultura africanas mescladas com as de origem holandesa). Tal identidade era fortemente paternalista, preconceituosa e discriminatória.<sup>33</sup>

Muitos destes bôeres, que eram formados não só por descendentes holandeses, mas também em minoria por franceses e outros povos, incapazes de ficarem sob domínio britânico deixaram a Colônia do Cabo, migrando para outras regiões, dando início ao que se chamaria de *The Great Trek* (A Grande Jornada), entre 1835 a 1837, em direção a territórios mais tarde conhecidos por Natal, Transvaal e o Estado Livre de Orange.

Os monopólios acompanhados pelo crescimento da passagem de navios estrangeiros que ofereciam mercado para os produtos da região, facilitaram o processo de expansão territorial dos *boers* através do *trekking*. A expansão *boer* foi fruto, também, do crescimento demográfico. O baixo nível da produtividade exigia a agregação de terras e rebanhos. A possibilidade de vender fora da Companhia estimulava a busca de

---

<sup>32</sup> Ibidem, p.292.

<sup>33</sup> VISENTINI, Paulo G. Fagundes. [et al.]; (org.) VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Ana Lucia Danilevicz. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília : FUNAG/CESUL, 2010.p.28.

distância e o aumento da oferta. Como resultado do processo expansivo, intensificaram-se os conflitos.<sup>34</sup>

Em 1843, o governo britânico tentou afirmar a sua autoridade sobre Natal e os bôeres protestaram. Os conflitos foram concluídos em 1852 na Convenção do Rio de Areia e em 1854 na de Bloemfontein, quando o governo britânico fixou Natal e reconheceu a independência da República do Transvaal e o Estado Livre de Orange.<sup>35</sup> Diante de tal conflito “nascia, assim, o nacionalismo *Afrikaner*.”<sup>36</sup>

Neste período, os britânicos continuaram a intervir nos assuntos do Estado Livre de Orange e Transvaal. Quando diamantes foram descobertos ao longo das duas margens do Vaal (1867), próximo de sua confluência com o Rio Orange, o Estado Livre de Orange inicialmente reivindicou, mas os britânicos intervieram e praticamente tomaram as terras. Este evento aumentou ainda mais a inimizade entre os bôeres e os britânicos. Em 1877, quando Transvaal estava passando por uma crise de inflação de moeda e ameaça de invasão dos Zulus, a Grã-Bretanha proclamou sua anexação. Com a anexação do Transvaal ao Império Britânico, a Inglaterra a partir de agora teria que se preocupar não somente com os bôeres, mas teria também de enfrentar outro sério problema, os Zulus.

## 2.1 “UM PRETO “ELEFANTE BRANCO””: CONFLITOS TERRITORIAIS.

Diversos fatores e acontecimentos levaram a reações africanas diante do expansionismo e imperialismo europeu, aqui em especial o britânico. Podemos considerar três diferentes tipos de reações dentro da África meridional: o protetorado ou a tutela, escolhidos pelos Sotho, Swazi, Ngwato, Tswana e Lozi, que possuíam estados independentes, não tributários, e procuraram a proteção dos britânicos contra os bôeres e os Zulu; os Ndebele, Bemba e Nguni em alianças, pelas quais optaram numerosas comunidades pequenas e tributárias, vítimas de assaltos e que viviam refugiadas; e o conflito armado, no caso dos Zulus. População esta reconhecida por seu grande porte e forte exército, desde o Rei Shaka (1816–1828), grande estrategista militar.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Ibidem.p.26.

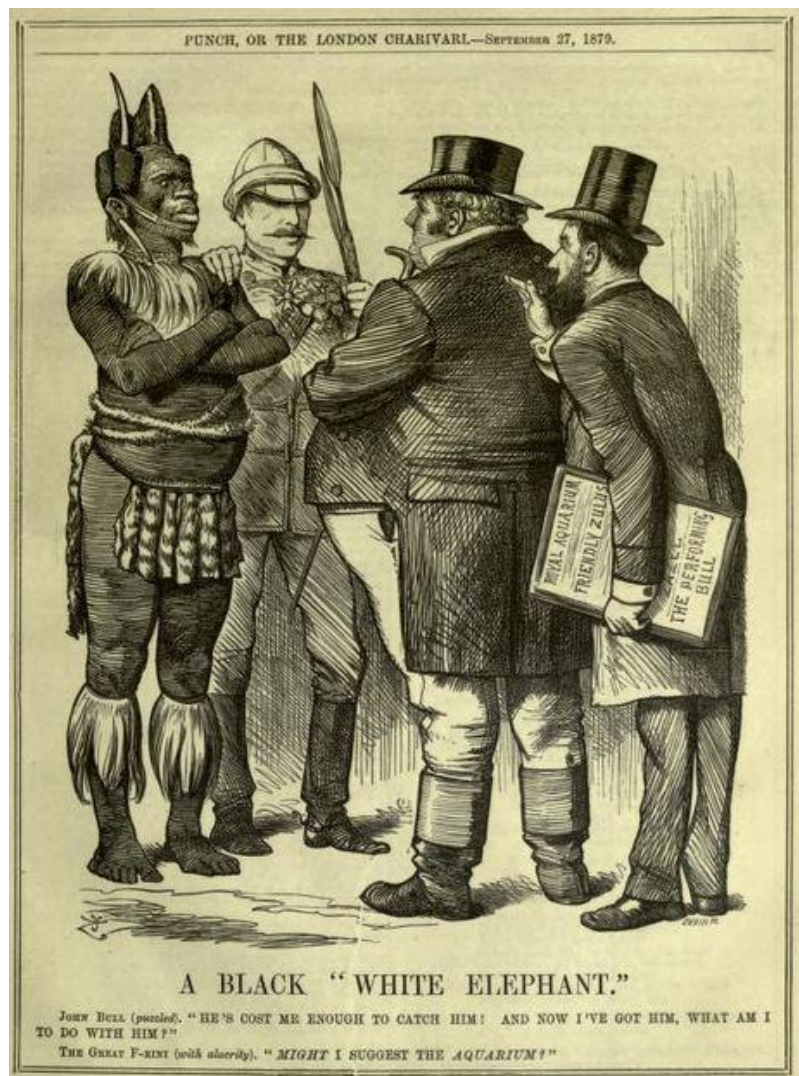
<sup>35</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

<sup>36</sup> VISENTINI, Paulo G. Fagundes. [et al.]; (org.) VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Ana Lucia Danilevicz. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília : FUNAG/CESUL, 2010.p.32.

<sup>37</sup> UNESCO. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010.



“Cansados da guerra e de viver em insegurança, foram muitos os grupos ou indivíduos que preferiram aceitar a tutela ou reconhecer a aliança dos britânicos; os ingleses inventaram pretextos para interferir nos negócios internos africanos oferecendo “libertação” ou “proteção” aos oprimidos, “aliança” aos reinos menos poderosos e invadindo os impérios militares. Aplicaram sistematicamente a tática destrutiva de “dividir para reinar”. Dessa forma, souberam explorar as rivalidades, medos e fraquezas dos africanos em seu pleno favor.”<sup>38</sup>



<sup>38</sup> Ibidem, p.225.

<sup>39</sup> SAMBOURNE, Edward Linley. *Punch Magazine*. Londres: 27.set.1879, p.139. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Passados conflitos e reinados, após o Rei Shaka, os zulus já possuindo de um exército grande e fortificado, durante conflito com os britânicos, a região da Zululândia passou a ser comandada por Cetshwayo. A imagem acima traz como caráter principal a esquerda o Rei Zulu Cetshwayo, capturado pelos britânicos em agosto de 1879, ao final da Guerra Anglo-Zulu, dando assim um fim ao combate. Após o fim da Guerra e com a captura de Cetshwayo, o Reino Zulu foi dividido em treze partes, o que ocasionou uma guerra civil na região. Cetshwayo foi enviado primeiramente a Cidade do Cabo e em 1882 ele viaja para Londres, como forma de exílio.<sup>40</sup> A imagem tem como intenção hostilizar a figura do Rei Zulu, bem como a proposta de seu possível fim no “*Royal Aquarium*”, tratamento dado a animais exóticos vindos de fora da Europa, como aos Gorilas, resgatando a ideia de um imaginário africano selvagem e hostil. O título da charge, “A Black “white elephant””, Um preto elefante branco, refere-se a grandiosidade de Cetshwayo em termos de forma humana, muito comum nos Reinos zulus, onde a superioridade era vista também através da aparência e ainda a sua falta de utilidade diante de um custo tão alto de sua captura. Quando John Bull, representando a figura do Império Britânico, refere-se que o custou o suficiente para pegá-lo, se dá à dificuldade do exército inglês, no início da Guerra Anglo-Zulu, em vencer seus inimigos, subestimados por aqueles.

Podemos conceber assim, a visão do imperialismo nos séculos XIX e XX quanto a populações nativas. A ideia do “fardo do homem branco”<sup>41</sup> o conceito de levar a civilização a populações menos civilizadas, aos povos bárbaros e primitivos. Tal concepção também se aplica com relação à África, percebesse a imagem do “espírito africano” associada aos estereótipos, como mesmo descrito em um “oriente misterioso” com relação aos povos oriente. Vistos selvagens, bárbaros, se comportavam através da força e por isso deviam ser dominados. Contudo, a chegada do homem branco europeu, sempre representou algum tipo de resistência, principalmente se o que estava em jogo era a terra.<sup>42</sup> Diante disto, o interesse inglês em dominar a Zululândia, região próxima ao Transvaal, suscitou em um dos maiores conflitos de resistência no Sul da África, a Guerra Anglo-Zulu.

Os Britânicos inicialmente apoiaram nativos em guerras contra os bôeres, entre eles os Zulus, com o intuito de enfraquecer ambas as partes. No entanto, após a anexação do Transvaal,

---

<sup>40</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.269–364.

<sup>41</sup> Ver: KIPLING, Rudyard. *The White Man's Burden*. McClure's Magazine, 1899.

<sup>42</sup> SAID. Edward w. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

com transvaalenses em guerra e a beira de um colapso, onde um ataque Zulu era eminente, os ingleses passaram para o lado Bôer, já que agora a região fazia parte do protetorado britânico. Tal atitude foi percebida como um ato de traição pelos Zulus. Sendo assim, os britânicos teriam duas coisas com o que se preocupar, uma possível revolta Bôer, devido à imposição de sua suserania, e uma provável guerra contra os Zulus. Estes, não queriam reconhecer a soberania britânica e representavam assim uma ameaça ao imperialismo, onde a única resposta seria a guerra. Contudo a Grã-Bretanha não estava preparada para um combate, encontrava-se sobrecarregada, por motivo de ameaças externas. Todavia, devido a decisões internas vindas da África, longe do alcance e poder Londrino, o conflito se encaminhava na direção contrária a paz.

A Guerra teve início em dezembro 1878, quando Sir Bartle Frere, alto comissário britânico na África do Sul, enviou um ultimato impossível de se satisfazer para Cetshwayo, declarando assim a Guerra. Cetshwayo, que se tornou rei dos Zulus em 1872, não estava disposto a submeter-se a hegemonia britânica e reuniu um exército bem disciplinado de 40.000 a 60.000 homens. Sendo assim, como esperado, o ultimato não foi cumprido, e em janeiro 1879 as tropas britânicas invadiram<sup>43</sup> com apenas um terço de sua força, subestimando assim os Zulus, como exemplificado anteriormente em uma caricatura da *Punch* citada no capítulo I deste trabalho, nominada A Lição.

O poderoso exército Zulu destruiu as tropas britânicas na Batalha de Isandlwana em 1879. Paradoxalmente, a vitória Zulu quebrou a esperança de Cetshwayo para uma solução negociada. O governo britânico em Londres não tinha sido totalmente informado pelo Frere sobre o ataque destinado a Zululândia. No entanto, a chegada da notícia da derrota em Isandlwana em Londres, foi um dos grandes choques para o prestígio britânico no século XIX, galvanizado o governo britânico em uma campanha em grande escala para salvar sua moral. A vitória decisiva sobre os Zulus foi na Batalha de Kambula, em março, mantendo diversos conflitos até a captura de Cetshwayo, pondo fim ao conflito.

Contudo, o que seria da região do Transvaal? Os Bôeres não se davam por satisfeitos com uma República sobre soberania britânica. Ingleses e bôeres possuíam diferentes opiniões e formas de governos, conseqüentemente, os africanos iriam buscar uma independência através da resistência armada.

---

<sup>43</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998.p.299.

## 2.2 A PRIMEIRA GUERRA ANGLO-BÔER E “A ESCOLA DE MOSQUETEIRO”.

Após políticas expansionistas, confrontos territoriais, a revolução Zulu e outros embates locais, passados tratados, esfera de influências e anexações, ingleses e bôeres ainda se mantinham em disputa por território. Em torno de 1880 havia na África meridional quatro regiões de domínio branco. De um lado os ingleses, com a Colônia do Cabo e Natal, onde a maior parte da população era branca. De outro a República Sul-Africana e o Estado Livre de Orange, somando 50 mil brancos de língua africâner e holandesa, que se consideravam africanos. Contudo, ambas as minorias brancas provindas destas quatro regiões dominavam a maioria autóctone africana.<sup>44</sup>

Dentre os povos da África, existe uma excepcionalidade e originalidade, que são os brancos sul-africanos. Os *boers*, movendo-se para o interior com suas carroças e seus rebanhos, vão deixando de ser europeus e passam a se considerar “africanos”, isto é, a considerar a África a sua terra. Segundo Kiemet, “essa vida lhes dava uma grande tenacidade, uma resistência silenciosa e um respeito muito forte por si mesmos.”<sup>45</sup>

Em abril de 1880 o Governo de Sir Bartle Frere deu lugar a Gladstone. Este, inicialmente não era favorável à anexação do Transvaal, por não acreditar em uma política que força a aceitação de uma cidadania. Contudo, em junho de 1880, informa que havia de se manter a soberania da Rainha na região Bôer sobre qualquer circunstância. Os ingleses tentaram assim implementar uma forma de autogoverno sob domínio britânico, mas não foi aceito. Entretanto, havia um sujeito por trás das decisões bôeres, aquele que os fariam partir para uma resistência armada contra os ingleses, Paul Kruger. Eleito presidente da região do Transvaal em outubro de 1880, Kruger era contra as opiniões modernas inglesas, se considerando um legítimo africânder, um bôer típico, religioso e puritano. Havia protestado arduamente contra a anexação em 1878 e em 1881 levou o Transvaal a uma conquista e proclamação por independência, a Primeira Guerra Anglo-Bôer.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> UNESCO. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010.p.219-220.

<sup>45</sup> VISENTINI, Paulo G. Fagundes. [et al.]; (org.) VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Ana Lucia Danilevich. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília : FUNAG/CESUL, 2010.p.29.

<sup>46</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.301-304.



### THE SCHOOL OF MUSKETRY.

BOER (to F.-M. H. R. H. THE COMMANDER-IN-CHIEF). "I SAY, DOOK! YOU DON'T HAPPEN TO WANT A PRACTICAL 'MUSKETRY INSTRUCTOR,' DO YOU?"

47

Em 16 de dezembro de 1880, a independência do Transvaal foi novamente proclamada dando início a Primeira Guerra Bôer. A guerra foi um desastre para os britânicos, pois os bôeres

<sup>47</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: 07.mai.1881, p.211. Disponível em:<<http://www.punch.co.uk/search-page>>. Acesso em: 04 set. 2013.

já estavam anteriormente organizados para um combate. Como traduz a imagem, percebido aos olhos londrinos, os britânicos não estavam devidamente preparados para a capacidade militar Bôer. A figura data posterior ao fim da primeira Guerra, que ocorreu entre dezembro de 1880 a março de 1881. Encontramos um soldado britânico, um mosqueteiro, e o personagem Bôer, comandante chefe, em vestimenta característica, como desenho do chapéu, entretanto, ainda bem menos sofisticado que o mosqueteiro inglês. Este afirma na legenda, ““Eu disse, dook! Por acaso você não quer instruções “práticas de mosqueteiro”, quer?”, dando título a imagem, A escola de Mosqueteiros. A caricatura faz alusão a capacidade militar bôer, em detrimento aos ingleses, mesmo levando em conta a historicidade e herança deste.

Durante a Convenção de Pretória, em 1881, a paz foi concluída e a independência foi dada aos bôeres sob a suserania da Rainha da Inglaterra. O conflito termina com a independência da região Transvaal como terra Bôer sob domínio externo britânico, proibida de qualquer expansão.<sup>48</sup> Em 1882, foram então estabelecidas, próximas ao Transvaal, as pequenas repúblicas bôeres de Goshen e Stellaland.<sup>49</sup> Já em 1884, os bôeres objetivaram ao termo da convenção de Pretória e através da Convenção de 1884, a independência total de Londres foi ccedida aos bôeres sem referência a suserania. De tal maneira, o emissário britânico deixou Pretória, e em troca ao tratado o governo britânico anexou Stellaland e Goshen.<sup>50</sup>

Podemos intuir, na imagem abaixo, como tais convenções foram retratadas pela *Punch*, a caricatura é datada de junho de 1898 com o título Cão de caça Bôer. Os sujeitos representados são, o cão com a feição de Kruger usando uma coleira escrita “Convenção de 1884” e Joseph Chamberlain, o puxando, na época secretário de estado para as colônias. Este afirma em sua fala na legenda: “Escapou da sua focinheira, não é? Bem, de qualquer forma, você não pode escapar de sua coleira.”. Na mordada, que está caída no chão está escrito "suserania", que remete ao artigo de suserania da Rainha escrito na Convenção de 1881, superada na Convenção de 1884. O período em questão aborda o início de uma nova revolta bôer e segunda guerra anglo-bôer. Contudo, podemos notar que tais convenções foram, de certa forma, consideráveis razoáveis, aos olhos da Inglaterra, diante da situação bôer.

---

<sup>48</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.306.

<sup>49</sup> VISENTINI, Paulo G. Fagundes. [et al.]; (org.) VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Ana Lucia Danilevicz. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília : FUNAG/CESUL, 2010.p.33.

<sup>50</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.306.



51

Os bôeres, sempre no seu encalço dos ingleses, conquistaram o Orange em 1854, seguindo uma evolução indesejada, que onerava os cofres públicos. Sobreveio então a descoberta de jazidas de diamantes, em 1867 (mesmo ano da construção do Canal de Suez), e de ouro em 1885, em território dominado pelos bôeres. Os ingleses tentaram isolá-los, estabelecendo os Protetorados da Basutolândia (atual Lesoto), em 1868, Bechuanalândia (atual Botsuana), em 1885, e da Suazilândia, em 1894, através dos quais, os britânicos procuravam manter a autoridade dos comandantes negros, sob soberania, e impediam a anexação dessas regiões e o domínio de suas populações pelos bôeres.

Em 1885, com descoberta de ouro em Witwatersrand, iniciou um rápido influxo de estrangeiros no território da República, região do Transvaal, e a criação de dois centros de mineração, Joanesburgo e Barberton. Conflitos políticos escalados entre os bôeres e o corpo crescente destes novos colonos, conhecidos como os *uitlanders*<sup>52</sup>, eram frequentes. Os Bôeres

<sup>51</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.114, 4. jun.1898, p.259. Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/search-page>>. Acesso em: 04 set. 2013.

<sup>52</sup> Trabalhadores estrangeiros, não bôeres.

passaram a ter medo de que eles seriam superados em número pelos *uitlanders* e perder o controle político da República. Com receio de que isto viesse a acontecer, os bôeres, em 1887, restringiram o sufrágio que costumava ser de dois anos em 1881, para 15 anos de residência.<sup>53</sup>

Diante de descontentamentos devido à sub-representação política e impostos excessivos, um estadista colonial britânico, Leander Starr Jameson, iniciou uma incursão em dezembro de 1895, denominada *Raid Jameson*. Ele tinha a intenção de desencadear uma revolta por parte dos *uitlanders*, mas não o conseguiu. Os bôeres já suspeitavam de cumplicidade dos imperialistas britânicos, tais como o Sr. Cecil Rhodes, primeiro-ministro da Colônia do Cabo com os novos colonos. A *Raid Jameson* foi um fracasso, derrotados em janeiro de 1896, o fato muito fez precipitar a Segunda Guerra Anglo-Bôer. Algumas negociações foram insatisfatoriamente empreendidas e a legitimidade britânica na África estava abalada, conforme o tempo passava, era evidente que a guerra era inevitável.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Ibidem.p.335-339.

<sup>54</sup> Idem.



### CAPÍTULO III- “THE RHODES COLOSSUS”.

Dentre os expoentes que iriam suscitar o início de uma nova guerra, havia um personagem que passava a ver a África com outros olhos, para além da África do Sul, Cecil Rhodes. Ao se mudar para a colônia britânica ao sul, por volta dos 17 anos de idade, destinado a fazer fortuna, iniciou em pequenos trabalhos onde todo dinheiro adquirido era investido em empresas, não somente de diamantes. Ao deixar a África para ir estudar em Oxford, Rhodes já era um homem rico dono de grandes empresas e companhias. Foi então que veio a política, primeiramente um lugar na Assembléia do Cabo, em 1881, e “Em 1889, sua Companhia Britânica da África do Sul ganhou uma concessão imperial, em virtude da qual ela conseguiu mais tarde controlar toda Rodésia”<sup>55</sup>. Um ano depois, em 1890, ele se torna primeiro-ministro da Colônia do Cabo. O Inglês era apaixonado pelo Império Britânico e possuía grandes planos e ambições que não se limitavam apenas a África do Sul.<sup>56</sup>

Julgando o imperialismo em termos de expansão territorial, um dos sonhos de Cecil Rhodes, romântico imperialista, e provavelmente desejo de muitos outros membros do Império Britânico, era o de criar uma "linha vermelha" de domínio no mapa da África, do Cabo ao Cairo. Rhodes já vinha sendo fundamental na obtenção e manutenção de estados na África para o Império. Sendo assim, considerava-se a unificação de posses entre estas duas regiões extremas na África a melhor maneira de dominação, estrategismo militar e governamental além do benefício econômico. Tal empreendimento, contudo teve seus empecilhos ao se deparar com territórios franceses e portugueses, bem como os também fins imperialistas destas outras nações. Rhodes e sua grandeza imperial foi assunto vigente em revistas e jornais da capital metropolitana no período.

*The Times* correspondent treated all this with some skepticism – describing Rhodes as a “colonial Monte Christo,” and a “wonder-worker” – but nonetheless acknowledged the usefulness of South Africa Company in “quasi-partnership with the Crown.” The

---

<sup>55</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.317-329.

<sup>56</sup> SCULLY, Richard. *Constructing the Colossus: the Origins of Linley Sambourne's Greatest Punch Cartoon*. International Journal of Comic Art, Volume 14, Number 2, Fall 2012.

same rather ambivalent attitude characterized attitudes around the Punch table”.<sup>57</sup>



Foram editores e caricaturistas que criaram aquela que seria o símbolo do imperialismo e da ambição de um homem. A caricatura intitulada “O Colosso de Rhodes” ficou pra história, e

<sup>57</sup> Ibidem,p.125.

<sup>58</sup> SAMBOURNE,Edward Linley. *Punch Magazine*.Londres: Vol.103, 10.dez.1892, p.266.Disponível em:<<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

com certeza ajudou a endurecer a pose do líder diante de outras nações no período.<sup>59</sup> A imagem demonstra claramente a ambição de Rhodes em ligar a região do Cabo ao Cairo em domínio do Império Britânico. Cecil Rhodes se encontra em vestimenta de explorador, com um pé no Cairo e outro no Cabo, ligando as duas regiões em uma linha, segurando, em suas mãos um fio de um telegrafo, já que este possuía planos de ligar as duas colônias com o sistema.

Dentro das ambições de Cecil Rhodes os Bôeres não eram vistos como inimigos, reconhecendo que estes tinham direito em parte sobre territórios na África do Sul, desde que estivessem dentro dos padrões do Império. Contudo, o desejo de independência bôer já era eminente e seu nacionalismo africânder muito bem constituído e solidificado.

“Os planos de Rhodes para a África do Sul não ignoravam os bôeres. (...) Mas isso naturalmente tinha de ser feito em colaboração com os ingleses e dentro do Império Britânico. Seu objetivo era uma federação imperial. O futuro do Império Britânico estava na colaboração de unidades autogovernadas. A República dos bôeres devia formar uma federação junto com as colônias inglesas, segundo o modelo do Canadá e da Austrália, isto é, como parte do Império Britânico.”<sup>60</sup>

Diante de embates econômicos, surge daí uma colisão de interesses entre o Transvaal e a Colônia do Cabo, interesses este que viriam a incitar um conflito. Em 1890, quando Rhodes é eleito primeiro-ministro da colônia do Cabo, o conflito direto entre Kruger e o imperialista inglês se torna eminente. Entre 1883 e 1902, o lendário Paul Kruger foi presidente do Transvaal e a questão dos *utilanders*<sup>61</sup> (operários estrangeiros, muitas vezes britânicos ou descendentes, que trabalhavam nas minas) foi o ponto de partida para o embate. Quando a invasão comandada pelo aventureiro inglês, em 1895-1896, O Ataque de Jameson na região das minas no Transvaal fracassou, Cecil Rhodes abandonou o papel de grande inimigo de Kruger abrindo espaço para Alfred Milner, governador britânico da Colônia do Cabo.

---

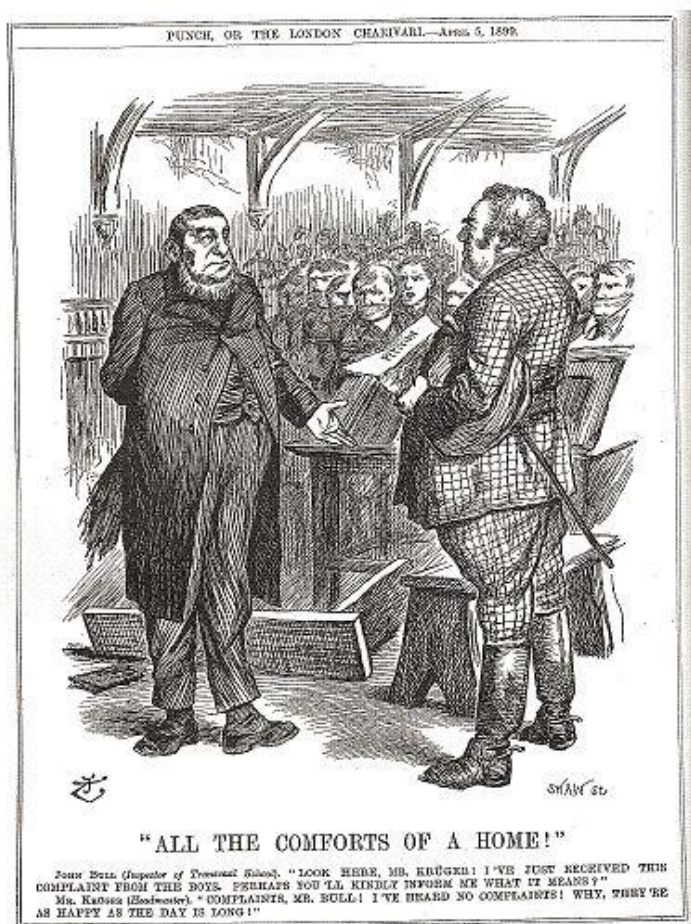
<sup>59</sup> SCULLY, Richard. *Constructing the Colossus: the Origins of Linley Sambourne's Greatest Punch Cartoon*. International Journal of Comic Art, Volume 14, Number 2, Fall 2012.p.137.

<sup>60</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.330.

<sup>61</sup> O termo na língua africânder significa estrangeiro. Termo designado a qualquer britânico ou não africânder imigrante na região do Transvaal por volta de 1880 e 1890.

### 3.1 “THE WAR PLANET”: PREÂMBULOS DE UMA NOVA GUERRA.

A questão das minas na região do Transvaal esteve inteiramente ligada ao início da Segunda Guerra Bôer, travada em benefício do capital, deu conceito ao imperialismo como um fenômeno econômico.<sup>62</sup> Havia dois grupos insatisfeitos com o governo Kruger, os capitalistas e *uitlanders*, aqueles procuravam por mão de obra mais barata e estes por direitos diante da República. O poder britânico tomou lado aos *uitlanders* em detrimento dos bôeres. Obrigando Kruger a assegurar os direitos políticos a estes estrangeiros ele estaria automaticamente aderindo a uma política aos moldes britânicos, em seu conceito imperialista. Em abril e maio de 1899, as queixas dos *uitlanders* atraíram grande atenção do público, 21.648 *uitlanders* assinaram uma petição que foi apresentada ao governo britânico.



63

<sup>62</sup> HOBBSAWM, Eric J. *The Age of Empire: 1875-1914*. New York: Vintage Books Ed., 1989.

<sup>63</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol116, 05.abr.1899, p. 163. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Na caricatura que leva o título de “Todo o conforto de uma casa”, o caricaturista expõe de forma irônica as péssimas condições dos *uitlanders*, culpando os bôeres de tal fato. A responsabilidade é lançada a Kruger que aparece como presidente do Transvaal, estando os estrangeiros trabalhadores amarrados e amordaçados ao fundo, para que não possam falar ou realizar qualquer forma de denúncia. O inspetor britânico, representado na figura de John Bull, questiona Kruger, afirmando ter recebido reclamações por parte dos *uitlanders*, tendo em mãos a petição. Este questiona e afirma que não ouviu absolutamente nada, já que na imagem estão todos amordaçados, e alega ainda que por aqui todos estão muito felizes. A imagem representa o quão Kruger agiu como se os *uitlanders* fossem tratados de forma justa quando os britânicos se queixaram da petição. Solidificando a solidariedade do Império perante a estes trabalhadores, atitude julga necessária após o fracasso moral da *Jameson Raid*, acentuando, em contra partida, a crueldade e injustiça de Kruger. Cabe aqui ressaltar, porém que as empresas que necessitavam da mão de obra eram de maioria britânica, não beneficiadas com o governo bôer.

Diante da polêmica sobre os *uitlander*, partiram para as negociações. Em maio de 1899 Milner, governador do Cabo, e Kruger se reuniram na Conferência de Bloemfontein. Entretanto, Milner queria exercer forças diante de Kruger demonstrando uma atitude incontestável. Como resultado o direito ao voto por parte dos *uitlanders* foi conquistado, todavia a intenção de Milner não era buscar uma solução pacífica ao problema e sim fomentar uma crise, sendo assim as negociações foram rompidas. Em meados de 1899, os britânicos eram suspeitos de estar se preparando para uma guerra contra os bôeres, que mais tarde foi mostrado ser verdade. Milner e Chamberlain, primeiro-ministro britânico, possuíam da mesma opinião, em estabelecer um *ultimatum* com exigência difíceis de serem cumpridas, não dando escolha a Kruger.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.350-352.



65

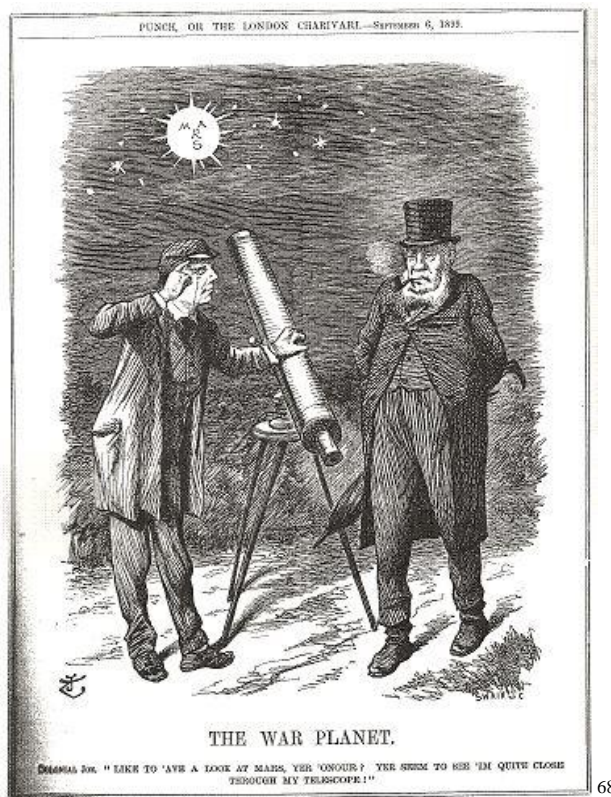
Na imagem acima, “Cães de Guerra”, em frente a Oom Paul (Tio Paul na língua africânder)<sup>66</sup>, ou seja Kruger, está Joseph Chamberlain andando com dois cães aparentemente ferozes alegando estar levando para um simples exercício. Os cães ferozes procuram representar os preparativos de guerra onde Joseph Chamberlain era suspeito de estar indo em direção, dando sentindo ao olhar desconfiado do presidente bôer.

Os dois lados jogavam com o tempo, embora por diferentes motivos: os britânicos a fim de arregimentar suas tropas na África do Sul, os bôeres porque, para melhorar rendimento de sua cavalaria, tinham de esperar o verão. A guerra acabou ocorrendo em outubro de 1899. Os britânicos haviam preparado um ultimato ao governo do Transvaal, que jamais iria ser enviado, pois o próprio Kruger confrontou-os pouco antes, em 9 de outubro, com o seu próprio ultimato.<sup>67</sup>

<sup>65</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol,116, 21.jun.1899, p. 295. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>66</sup> Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Kruger](http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Kruger)>. Acesso em: 01 nov. 2014.

<sup>67</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.p.352.



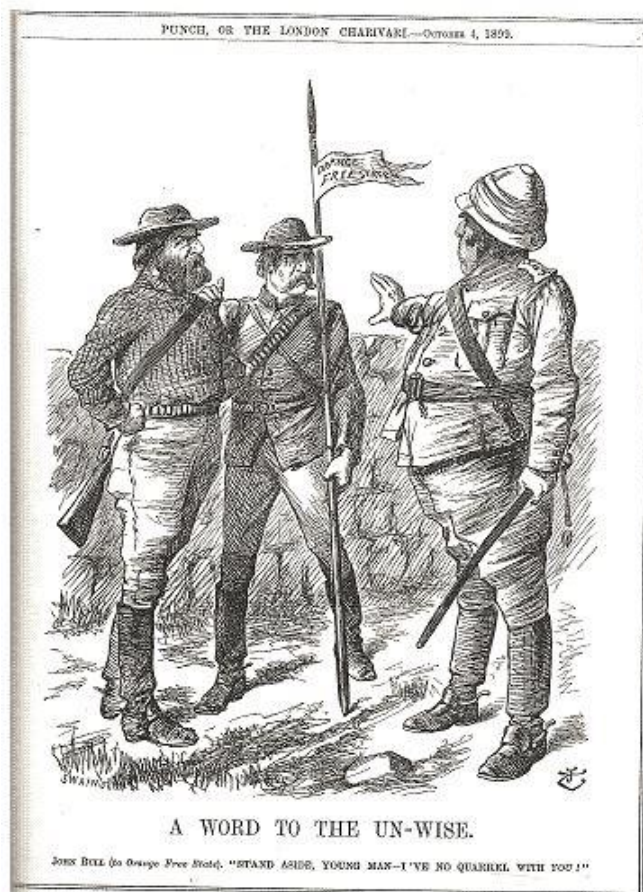
As imagens da *Punch* e ainda a imprensa da época claramente evidenciavam o bôer como uma figura de briga, a procurar por conflito, característica descrita em especial ao presidente e líder bôer. O astrônomo oferece na imagem a Kruger dar uma olhada no planeta Marte, por parecer um planeta semelhante aos interesses deste. Partindo por vez do conceito da palavra marcial, de guerra, ou então ao Deus Marte, Deus da Guerra na mitologia romana.

### 3.2 “PLAIN ENGLISH”: A OFENSIVA BÔER E REAÇÃO BRITÂNICA.

O início de uma guerra já era avistado, no intuito em se manter as duas vontades, bôer e britânica, por completo, o conflito era uma saída. Neste caso, em uma guerra, a busca por aliados pode fazer uma grande diferença, em virtude disto, cerca de duas semanas antes do início do conflito em 11 outubro de 1899, o Estado Livre de Orange declarou que ficaria do lado de

<sup>68</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol,117, 06.set.1899, p. 114. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Transvaal, em caso de uma guerra. Com a força das duas Repúblicas combinadas os bôeres declaram então guerra.<sup>69</sup>



70

Três países estão representados neste *cartoon*, os britânicos, Transvaal e o Estado Livre de Orange. O homem britânico, a esquerda da imagem, afirma ao homem representando o Estado Livre de Orange, que segura uma bandeira, não tem nenhuma desavença com o mesmo. Claramente os britânicos não queriam que o Estado Livre de Orange participasse da guerra ao lado de Transvaal como já havia proclamado. A imagem se presta a deixar claro a desavença direta com a região do Transvaal, o que ingleses já haviam esclarecido ser por motivos econômicos e de defesa dos *uitlanders*. Contudo, não vendo o Estado Livre de Orange como inimigo afirmam que a questão não esta em um preconceito constituído contra os bôeres ou então

<sup>69</sup> Disponível em: < <http://www.angloboerwar.com/boer-war>>. Acesso em: 30 set. 2014.

<sup>70</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol,117, 04.out.1899, p. 163. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.



de dominação territorial de toda a região. Tais intenções e afirmações estas que são concebidas na imagem demonstram ser falsas posteriormente, devido a anexação do Estado Livre de Orange ao final da guerra.

Em 9 de outubro, o ultimato bôer foi dado a um agente britânico em Pretória. Ele exigiu a retirada imediata das tropas britânicas das fronteiras do Transvaal e das tropas que chegaram à África depois de Junho. Às 17h00 do dia 11 de outubro era o prazo de expiração para o cumprimento do ultimato por parte dos britânicos lançado pelo presidente bôer. Quando os ingleses não deram ouvidos às demandas de Transvaal até o tempo designado, a guerra foi declarada imediatamente e no dia 14 deste mesmo mês os bôeres marcharam em direção a Kimberley e Mafeking.<sup>71</sup>



72

A expressão usada no título “Plain English”, na língua inglesa se refere quando você fala algo claramente, vai direto ao ponto, “ser curto e grosso”.<sup>73</sup> A legenda, "desta vez é uma luta até um fim". Refere-se à Primeira Guerra Anglo-Bôer, onde os britânicos foram rapidamente

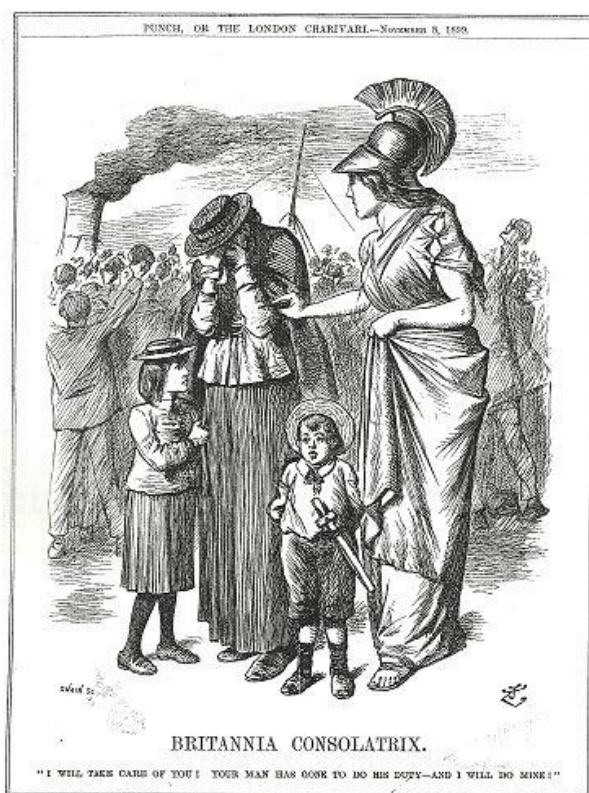
<sup>71</sup> Disponível em: < <http://www.angloboerwar.com/boer-war>>. Acesso em: 30 set. 2014.

<sup>72</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol,117, 11.out.1899, p. 175. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>73</sup> Livrentemente traduzido pela autora.

derrotados nos campos, e mostra a determinação dos mesmos nesta segunda guerra. Além disso, o *cartoon* transpassa a impressão de que os bôeres iniciaram a guerra, o que é verdade na medida em que estes primeiramente declararam a guerra, entretanto eles foram forçados pelos britânicos. Os bôeres já desconfiavam das intenções inglesas em um combate, especialmente após a designação por parte de Rhodes a *Jameson Raid* e a posição e atitude de Milner da Conferência de Bloemfontein, não vindo a ser claramente uma intenção de se buscar uma solução pacífica.<sup>74</sup>

The Dutch Afrikanders were, indeed, convinced that a peaceful conference was not intended to succeed; that Mr. Rhodes had got a clear understanding with Mr. Chamberlain after the Raid, whereby the latter undertook to direct the next attack upon the independence of the Republic; and that in Sir A. Milner there had been found and apt and sympathetic agent of this plan of campaign.<sup>75</sup>



76

<sup>74</sup> HOBSON, J. A. *The War in South Africa. Its causes and effects.* London: 1900.p.7.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine.* Londres: Vol,117, 08.nov.1899, p. 223. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Durante este período, em início de guerra, o governo britânico, reconhecendo a magnitude da batalha em vista e envia um grande número de reforços para a África do Sul. Na caricatura acima podemos perceber tal acontecimento ocorrendo na Inglaterra de um ponto de vista da Revista Ilustrada. Na imagem são retratadas pessoas que acenam adeus para um barco á vapor de partida. A mulher na frente, que *Britannia* (termo em latim para a personificação da Grã-Bretanha em uma figura feminina)<sup>77</sup> esta consolando, está chorando por seu marido que os deixou para lutar na guerra bôer. Podemos pressupor com a imagem que muitos homens abandonaram a Grã-Bretanha para lutar na guerra. Um ponto muito importante nesta caricatura é que o menino a frente da mãe está usando uma espada de madeira. O fato de que até mesmo uma criança estar usando uma espada mostra a ampla disseminação do clima de guerra na sociedade britânica deste período. Esta caricatura indiretamente tendência a *Punch* a favor da guerra, expressando algo que todos devemos perseverar e lutar por.

---

<sup>77</sup> Disponível em: < [http://en.wikipedia.org/wiki/Britannia\\_\(disambiguation\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Britannia_(disambiguation))>. Acesso em: 30 set. 2014.

#### CAPITULO IV- “BRAVO BOBS”: A OFENSIVA BRITÂNICA

Em um período antes da guerra, como alternativa para evitar o conflito armado buscando rendição bôer, os ingleses esquadrihavam meios para encurralá-los economicamente evitando que expandissem sua República. Até o momento, as rotas de comércio e o domínio da costa beneficiavam os britânicos. Porém, havia uma baía na costa leste da África que continuava sendo de vital importância e se encontrava em mãos portuguesas, onde o único interesse destes era o melhor negócio, o que poderia vir a prejudicar os planos ingleses de sitiar comercialmente os bôeres. Por meio de contratos financeiros, os britânicos obtiveram por um certo período o controle da Baía de Delagoa, onde estava localizado o porto de Lourenço Marques, contudo ao final Portugal conseguiu a retomar. Os tratados de amizade anglo-portugueses de 1632 e 1664 foram reafirmados em 14 de outubro de 1899, colocando os portugueses definitivamente ao lado dos britânicos.<sup>78</sup> Conclui-se assim que mercadorias bôeres que passavam pelo porto eram duplamente fiscalizadas.

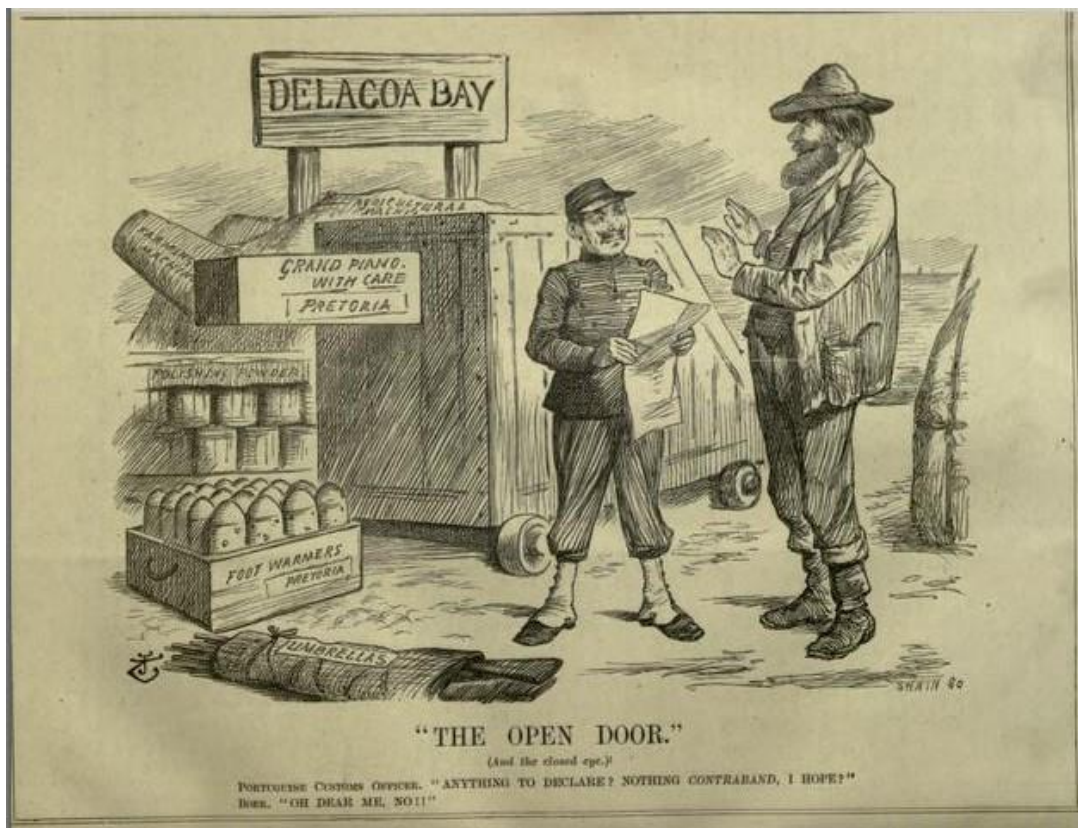
Anterior ao início da guerra Kruger, prevendo o conflito e se preparando para o mesmo, arrematou um arsenal de modernos fuzis Mauser e canhões de campanha Krupp usando o poder monetário adquirido através de rendimentos com ouro descoberto no Transvaal. Durante a guerra, as importações ilegais de armas desse tipo continuaram.<sup>79</sup>

Na caricatura seguinte que tem como cenário a Baía de Delagoa, rifles, pólvora e canhões são denominados e reconhecidos, na passagem pelo porto, como "guarda-chuvas", "polimento em pó" e "máquina agrícola", respectivamente, dentre outras mercadorias. O oficial português pergunta ao bôer se ele teria algo a declarar ou algum tipo de contrabando, este o nega. A imagem em feição negativa ao questionamento português e as palavras do homem bôer demonstram e representam o descontentamento dos britânicos sobre as importações ilegais na Baía de Delagoa, afinal por que outro motivo este o estaria negando. A caricatura ousa tentando deslegitimar Kruger em uma atitude desonesta e possivelmente covarde.

---

<sup>78</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

<sup>79</sup> Disponível em: < <http://samilitaryhistory.org/vol096dd.html> >. Acesso em: 01 nov. 2014.



80

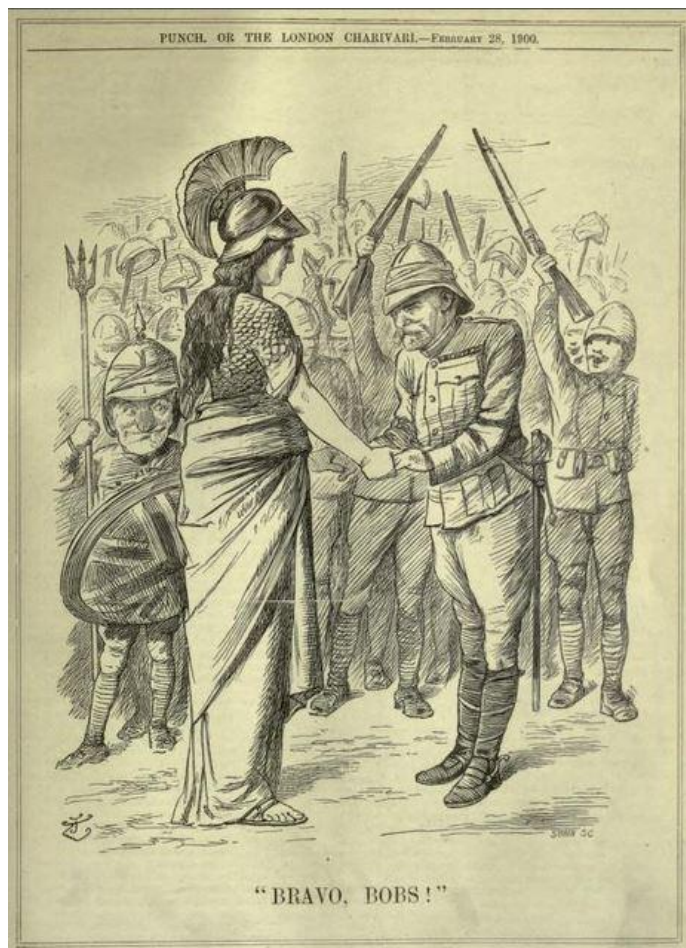
Com a guerra declarada, seu curso pode ser dividido em três períodos. Durante a primeira fase, os britânicos na África do Sul não estavam preparados e militarmente fracos. Tropas africânder atacaram em duas frentes: a colônia britânica de Natal, oriundos de Transvaal e em direção ao norte da Colônia do Cabo a partir do Estado Livre de Orange. Os distritos do norte da Colônia do Cabo rebelaram-se contra os britânicos e se juntaram às forças Bôer. No final de 1899 e início de 1900, bôeres derrotaram britânicos em uma série de importantes engajamentos cercando cidades-chave como Ladysmith, Mafeking e Kimberley. Especialmente digno de nota entre vitórias bôeres neste período são as que ocorreram em Magersfontein, Colesberg e Stormberg, durante o que ficou conhecido como Semana Negra (10 a 15 de dezembro de 1899).<sup>81</sup>

Outubro 1899 a ofensiva de Kruger havia definitivamente tomado os britânicos de surpresa, sendo responsável pelas primeiras vitórias Bôeres. No entanto, a chegada de um grande número de reforços britânicos no início de 1900 fez uma eventual derrota Bôer inevitável.

<sup>80</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 29 jan.1900, p.29. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>81</sup> Artigo "South African War" Disponível em: < <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/555806/South-African-War>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

Nesta segunda fase, os britânicos, sob os comandos de Lords Kitchener e Roberts, aliviaram as cidades sitiadas, combateram as tropas bôeres no campo, e rapidamente avançaram em direção as linhas de transporte ferroviário. A batalha de Paardeberg, em 18 a 27 de fevereiro de 1900, foi uma das primeiras grandes vitórias do lado dos britânicos. Roberts forçou o exército de Piet Cronje se render com 4.000 homens após um cerco que durou uma semana.<sup>82</sup>



83

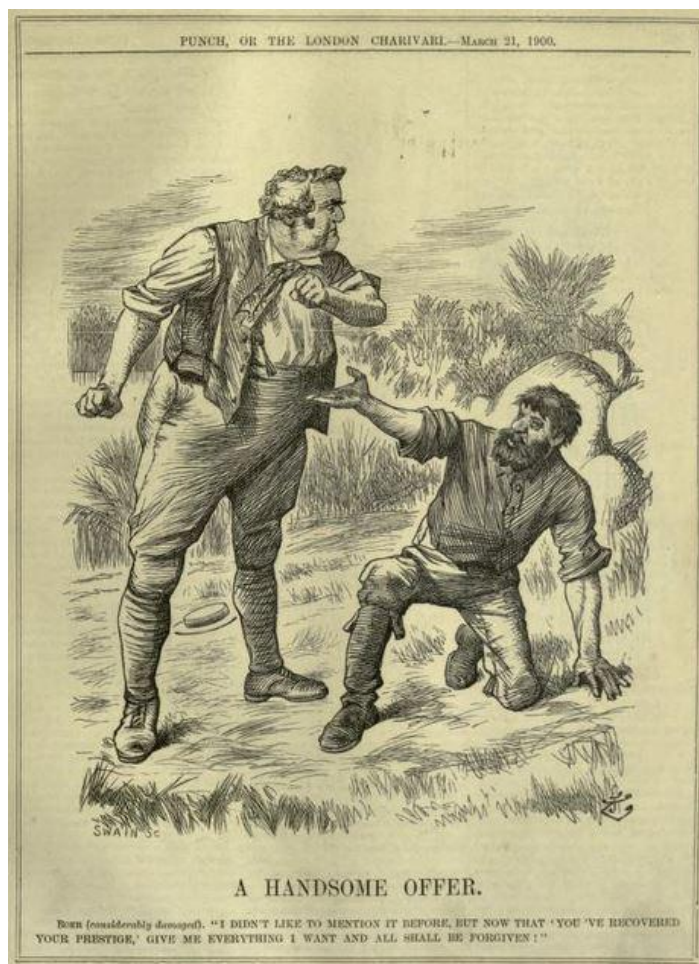
A mensagem da imagem é clara. Em comemoração à vitória das tropas britânicas na batalha de Paardeberg. A figura feminina *Britannia* que representa a Grã-Bretanha, agradece Robert pelo seu feito. Afinal uma conquista inglesa em uma batalha colonial é sempre digna de ser comemorada e a *Punch* deixa claro sua posição imperialista sobre o mesmo. Igualmente esta a

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres:Vol.118, 28.fev.1900, p.155. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

necessidade em se enaltecer o grande exército de ataque britânico, toda sua capacidade e força, os britânicos conquistavam de volta sua honra e Roberts estava à frente disto.

Em 5 de março, o presidente Steyn do Estado Livre de Orange e presidente Kruger do Transvaal, enviaram um telegrama para Lord Salisbury, pedindo o fim das hostilidades, afirmando que as ações dos bôeres foram de autodefesa e que não tinham intenção de enfraquecer a autoridade britânica. Embora Steyn e Kruger se encontrassem em uma posição pedindo por trégua, afirmaram claramente que a independência das repúblicas era uma condição indispensável para a paz da África do Sul e que eles não iriam parar de lutar até que esta condição fosse cumprida. Neste mesmo mês, no dia 13, Bloemfontein, a capital do Estado Livre de Orange foi ocupada pelos britânicos.<sup>84</sup>



85

<sup>84</sup> Disponível em: < <http://www.angloboerwar.com/boer-war?showall=&start=1>>. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>85</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 21.mar.1900, p.221. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

A oferta irônica dos Bôeres, apodada na imagem de "Uma considerável oferta" refere-se à proposta feita por telégrafo em 5 de março pelos presidentes das repúblicas bôeres. A charge satiriza o fato de como os mesmos nunca fizeram tais sugestões durante o período de ofensiva Bôer e ainda do fato de os Bôeres desejarem que todas as suas exigências fossem aceitas, quando eram eles os únicos que estavam perdendo a guerra.

Quando o apelo direto para os britânicos falharam, os dois presidentes voltaram para as potências europeias. Em 13 de março, eles enviaram três delegados Wessels, Fischer, e Wolmarans. Estes chegaram a Holanda e foram recebidos gentilmente, no entanto, as potências europeias foram uniformemente desfavoráveis, e sua missão reuniu-se sem sucesso.<sup>86</sup>



87

A caricatura concebe as potências europeias por meio de uma figura da realeza. O servo anuncia a chegada de cavalheiros vindos do Transvaal, a alteza, na imagem, logo afirma que se

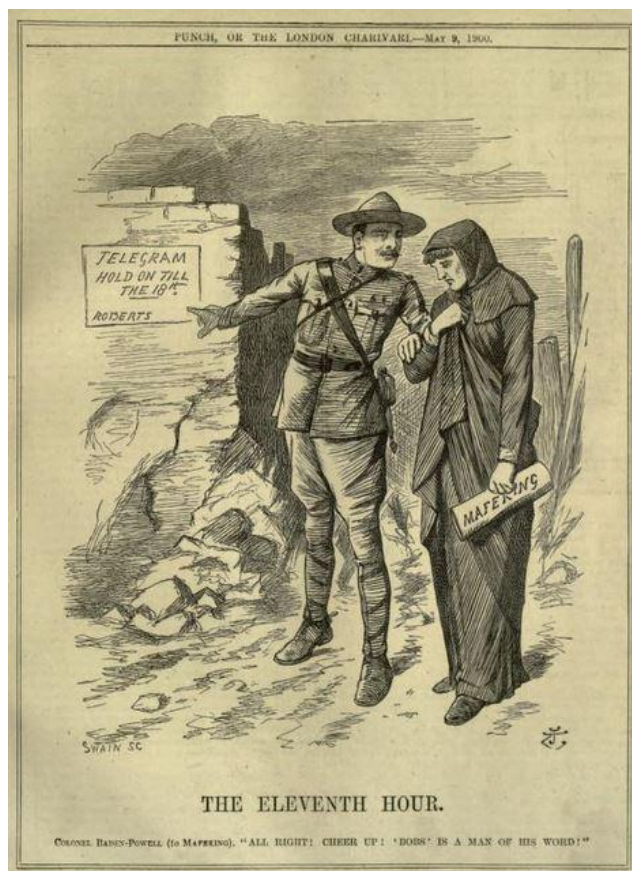
<sup>86</sup> Disponível em: < <http://www.sahistory.org.za/dated-event/anglo-boer-war-2-republican-delegation-consisting-fischer-adw-wolmarans-ch-wessels-jm-de> >. Acesso em: 26 set. 2014.

<sup>87</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 18. abr.1900, p.281. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.



recusa a atender os cavalheiros, assumindo através da ilustração estarem mais ocupados com seus assuntos nacionais em uma mesa cheia de papéis para assinar, propondo a atitude desfavorável dos poderes europeus para com os delegados dos bôeres.

As tentativas em mudar o direcionamento da guerra foram em vão por parte dos bôeres, e o conflito continuava. Dentre as cidades mais importantes, cenário de grandes batalhas, de grande repercussão e caricaturado pela *Punch* no período entre guerras foi O cerco de Mafeking. Isso se da devido a grande dificuldade em adentrar a região ocupada pelos bôeres no início da guerra. Iniciado em 14 de outubro 1899, as pessoas que experimentam o cerco tiveram que viver através de duras condições de fome e medo do bombardeio de artilharia. Em 17 de maio, Roberts finalmente foi capaz de aliviar o cerco de Mafeking, que já estava na cota de 217 dias.<sup>88</sup>



89

<sup>88</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.356.

<sup>89</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 09. mai.1900, p.335. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Na caricatura, a figura masculina, o Coronel Baden-Powell, que comandou a defesa de Mafeking durante o cerco dos bôeres, afirma a uma mulher, que representa Mafeking, para animar e perdurar até 18 de Maio, que era uma data destinada por Roberts (Bobs) em retomar a região. A caricatura manifesta a mente romanesca dos britânicos sobre os planos de Roberts para aliviar Mafeking. Ao fim, a data de retomada foi na verdade em 17 de maio de 1900.<sup>90</sup>



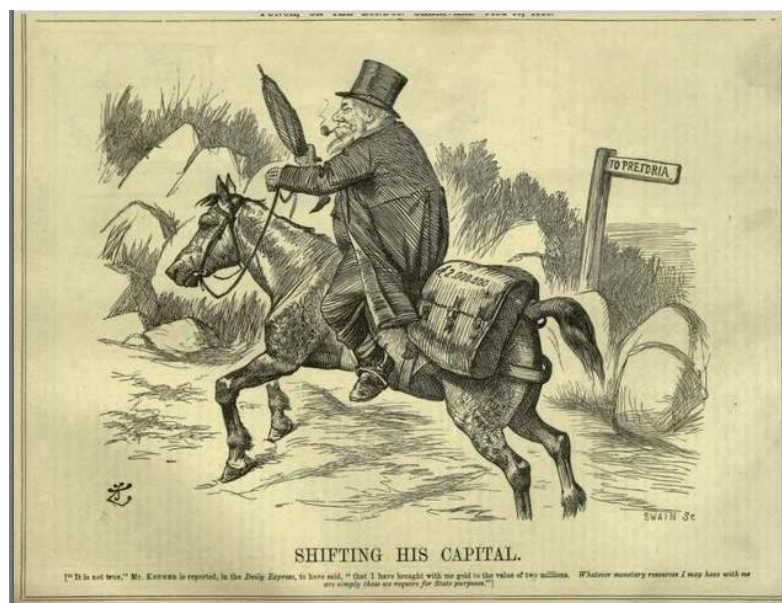
<sup>90</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.356.

<sup>91</sup> MAY, Phil. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 30.mai.1900, p.385. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

Como referido, Mafeking foi uma região de conflito que obteve grande notabilidade na revista ilustrada em estudo, *Punch Magazine*. A seguinte caricatura faz alusão ao fim do sítio de Mafeking. Contudo, datada posterior a vitória esmagadora dos ingleses sobre os bôeres, o que garantiu a conquista dos britânicos a guerra, ela representa o triunfo. O homem da figura se encontra provavelmente bêbado, vindo de uma comemoração pós-batalha. Em a “A noite de Mafeking” testemunhamos Willian, um inglês, repleto de bandeiras britânicas em virtude da celebração, todavia machucado, com uma atadura no braço devido ao combate.

#### 4.1. “THE SINKING SHIP”

Roberts, depois de ocupar Mafeking, em 17 de maio de 1900, e Joanesburgo, em 31 do mesmo mês, continuou seu avanço e em 5 de junho derrubou Pretória, a capital do Transvaal, transformada em colônia do Transvaal em 3 de setembro do mesmo ano. Kruger então recuou para o leste, pondo um fim a esperança bôer. Dando continuidade ao que poderia ser visto como um fim no conflito, em 28 de novembro Roberts renuncia e deixa à África do sul, ele já não era mais necessário, Kitchner, seu companheiro anos mais novo, faria o restante.<sup>92</sup>



93

<sup>92</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.357.

<sup>93</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.118, 13. jun.1900, p.425. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

O título "Deslocando sua Capital" expressa de forma literal, a tentativa de Kruger em deslocar os tributos e impostos de sua capital para que não caíssem em mãos inglesas, ato porém em vão, já que mais tarde tais valores foram capturado pelos os britânicos, em 5 de junho. Tal fato pode ser observado pelo sinal ao fundo "to Pretoria" o que mostra Kruger indo na direção oposta da Capital. Na legenda a charge também ironiza a declaração do presidente bôer onde este afirma que o recurso monetário que leva junto consigo seria para fins do Estado.

Segundo Roberts, em 11 de setembro de 1901, o presidente Kruger deixou a África do Sul, partindo de Lourenço Marques em um cruzador de guerra holandês nomeado *Gelderland*. O *Kaiser* alemão recusou-se a recebê-lo. Kruger morre em 1904 exilado na Suíça.<sup>94</sup>



95

A caricatura é clara, nele aparece Kruger deixando um grande barco, escrito nele "Transvaal", em outro menor representando o seu exílio na Holanda. O grande barco afundando ao fundo significa a queda do Transvaal. A imagem indiretamente manifesta a ideia de que os britânicos acreditavam que a guerra estava completamente acabada, assim que as duas capitais

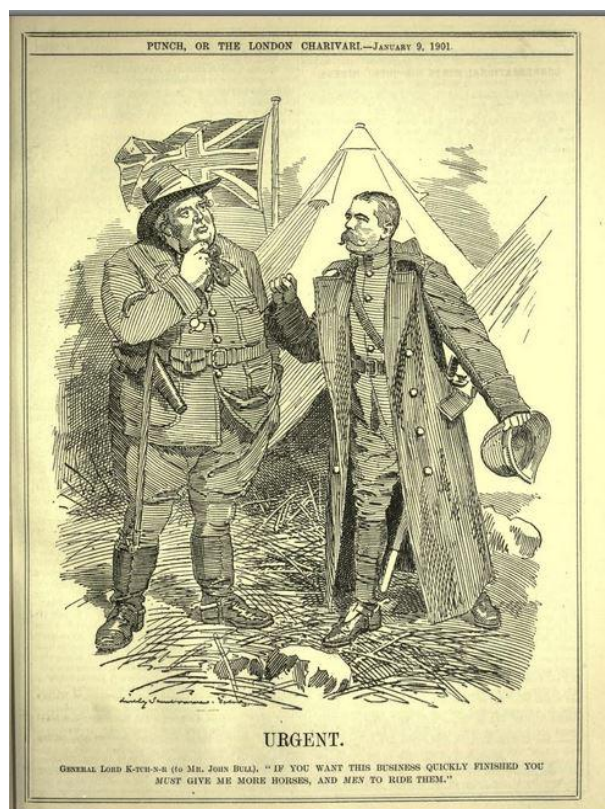
<sup>94</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.357.

<sup>95</sup> TENNIEL, John. *Punch Magazine*. Londres: Vol.119, 19.set.1900, p.209. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

havia sido ocupados e Kruger exilado. No entanto, a guerrilha continuou, e os despreparados britânicos foram inicialmente bastante prejudicados.

#### 4.2 “URGENT” GUERRA DE GUERRILHA

No final de 1900, a guerra entrou na sua fase mais destrutiva. Por 15 meses, comandos Bôer, sob a brilhante liderança de generais como Christiaan Rudolf de Wet e Jacobus Hercules de la Rey, mantiveram soldados britânicos na região da baía, usando táticas de guerrilha nomeada *hit-and-run*. Eles atormentado as bases comunicação e do exército britânico, e grandes áreas rurais da republica Sul Africana e do Estado Livre de Orange (que os britânicos haviam anexado como a Colônia do Transvaal e Colônia do Rio Orange, respectivamente) o controle britânico manteve-se fora neste período.<sup>96</sup>



<sup>96</sup> Artigo "South African War" Disponível em: < <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/555806/South-African-War>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

<sup>97</sup> *Punch Magazine*. Londres: Vol.120, 09.jan.1901, p.29. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

De um modo muito simples e claro a imagem acima, com seu título “Urgência” evidencia a ansiedade de Kitchner em vencer esta batalha. O General argumenta a Mr. John Bull que, caso ele queira que o negócio (guerra) seja rapidamente concluído ele necessita de mais cavalos e homens. A resistência bôer assim, mesmo ao fim da guerra, era globalmente reconhecida e chegou a ouvidos londrinos.

Kitchener respondeu a resistência bôer com arame farpado e fortificações ao longo das ferrovias, mas quando estas falharam, ele revidou com uma política de queima das terras, aniquilando cabeças de gado e propriedades. As fazendas de bôeres e africanos foram destruídas. Moradores da zona rural foram cercados e detidos em campos de concentração segregados, muitas vezes em condições horríveis, onde vários milhares morreram durante seu encarceramento. A situação das mulheres bôeres e crianças nos campos devido ao negligenciamento, falta de higiene tornaram-se um escândalo internacional, atraindo a atenção de humanitários como a da assistente social britânica Emily Hobhouse.<sup>98</sup>

Os comandos continuaram seus ataques, muitos deles na Colônia do Cabo, com o General Jan Smuts conduzindo suas forças para dentro de 50 milhas (80 km) da Cidade do Cabo. Os métodos drásticos e brutais de Kitchener seriam pagos lentamente. A resistência Bôer estava desgastada o que levou a divisões entre os *bittereinders* ("Bitter-Enders"), que queriam continuar a lutar, e os *hensoppers* ("hands-uppers"), que, voluntariamente, se renderam e, em alguns casos, trabalharam junto com os britânicos.<sup>99</sup>

#### 4.3 “HER WORST ENEMY”: A PAZ.

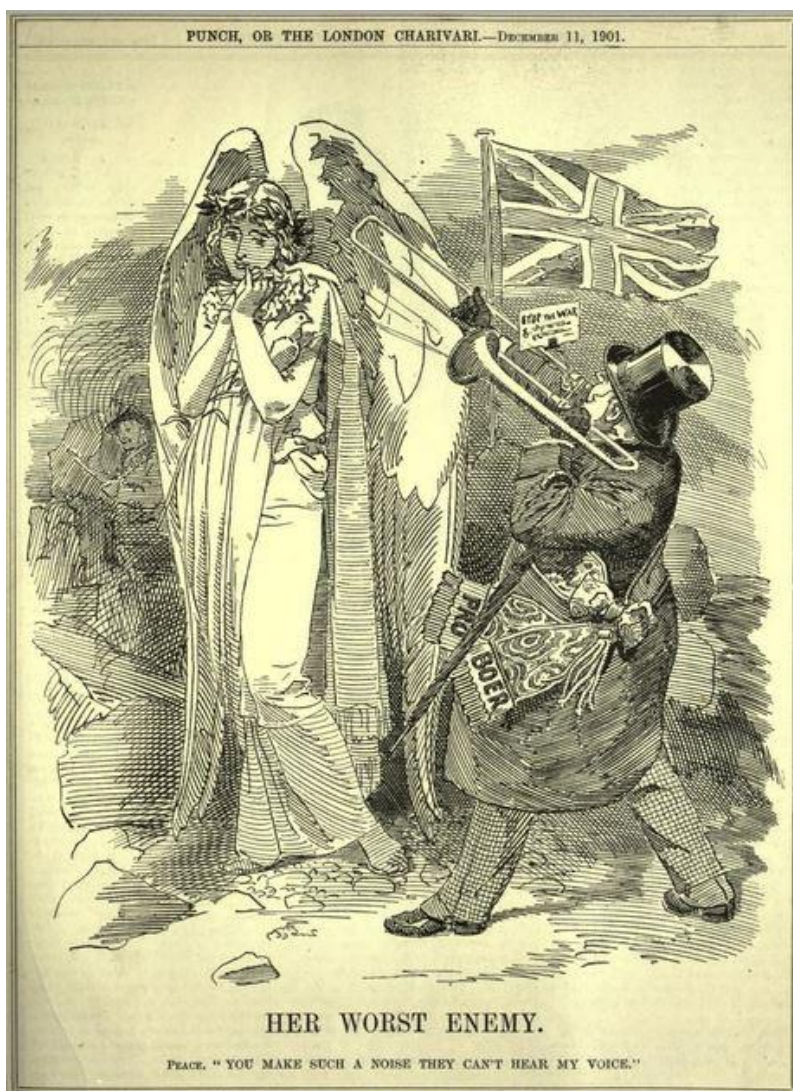
O bôeres haviam rejeitado uma oferta de paz dos britânicos em março de 1901, em parte porque exigia que os bôeres reconhecessem a anexação britânica de suas repúblicas. A luta continuou até que os bôeres finalmente se renderam a perda da sua independência com o acordo de Paz de Vereeniging, em maio de 1902. No final, líderes pragmáticos bôeres como Louis Botha e General Smuts superaram a vontade dos *bittereinders* e optaram por negociar a paz sob

---

<sup>98</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.357.

<sup>99</sup>Artigo "South African War" Disponível em: < <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/555806/South-African-War>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

suserania britânica, promessas de autogoverno local, restauração rápida e eficiente de gestão das minas de ouro, e, fundamentalmente, a aliança dos bôeres e britânicos contra os africanos negros.<sup>100</sup>



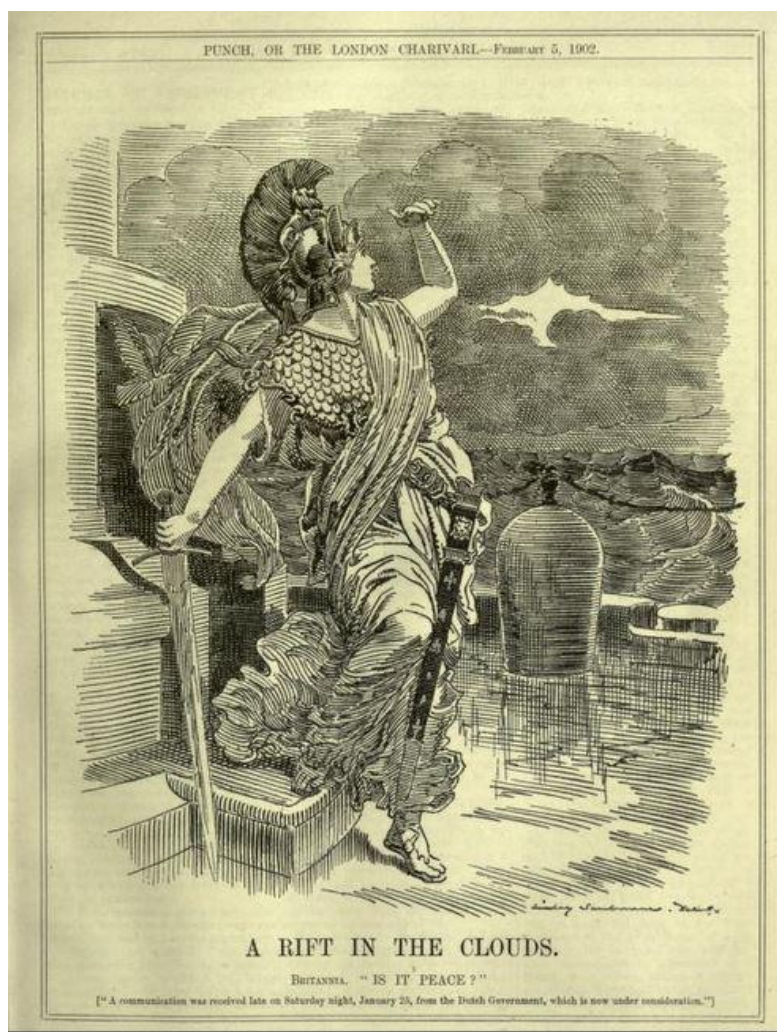
101

A maneira com a qual a paz era percebida por ingleses, com base no periódico em questão, é de que ela só ainda não havia definitivamente se sustentada por culpa dos bôeres. O elemento principal da figura, na forma de uma figura feminina, a paz, se encontra em uma posição de desconforto. Ao lado, tocando trombone, um provável Bôer, simulando a resistência

<sup>100</sup> Idem.

<sup>101</sup> *Punch Magazine*. Londres: Vol.121, 11.dez.1901, p.425. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

que ainda existia no período da imagem. A partitura por ele a ser tocada é titulada “Stop the war”, “Pare a guerra” em um contexto onde a paz já devia se ter feito presente, pequenas resistências não representavam mais ameaças aos britânicos. Contudo, na legenda a paz se dirige ao bôer afirmando que ele faz tanto barulho que ninguém consegue ouvir a sua voz. Por fim, a bandeira britânica que se encontra ao fundo, ou o outro lado da Guerrilha. A posição da revista esta claramente na rendição definitiva dos bôeres para com os ingleses.



102

A imagem seguinte, anterior a data do acordo de Paz de Vereeniging em maio de 1902, anuncia o início de placidez em terras sul africanas. No mês de janeiro boa parte dos líderes de

---

<sup>102</sup> *Punch Magazine*. Londres: 05 dez.1902, p.101. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/punchvolumes/>>. Acesso em: 26 set. 2014.



resistência bôer haviam sido capturados e seus campos tomados. O título da imagem “uma lacuna entre as nuvens” prevê o fim do conflito após tantos embates e perdas. *Britannia*, a figura feminina na imagem se questiona ao olhar no horizonte procurando por algo a vir: “is it peace?” “é a paz?”.

“A Guerra Bôer foi a maior de todas as guerras coloniais travadas na era imperialista moderna. Durou mais de dois anos e meio (11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902).”<sup>103</sup> A Grã-Bretanha perdeu cerca de 100 mil homens e havia investindo em cerca de 500 mil soldados. Os bôeres sozinhos moveram 100 mil homens, dos quais 7 mil morreram em combates e por volta de 30 mil pessoas nos campos de concentração. Com relação aos autóctones africanos que lutaram dos dois lados, não houve registro do número de perdas, provavelmente dezenas de milhares.<sup>104</sup> “A Guerra Bôer foi chamada de “a última das guerras de cavalheiros” num livro com este título, mas esteve longe de ter sido isto. Foi na verdade a primeira guerra moderna”<sup>105</sup> de futuros combates que estavam por abalar o mundo e a África.

---

<sup>103</sup> WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Revan, UFRJ, 1998. p.359.

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Ibidem.p.360.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE A PUNCH MAGAZINE NÃO ILUSTROU

Em conclusão, é claro que a *Punch* foi mais tendenciosa em favor do lado dos ingleses, algo comum, a parcialidade da imprensa britânica considerando as circunstâncias de uma guerra. Algumas caricaturas até fazem graça do imperialismo britânico e as políticas imperialistas de Joseph Chamberlain, o que mostra que a *Punch* não foi completamente tendenciosa. No entanto, a maioria dessas imagens que têm uma conotação negativa de ações britânicas foram publicadas em um período antes do início da guerra. Esta é uma consequência comum, na compreensão de que, quando uma situação de emergência nacional se inicia, onde o papel de um jornal em criticar e fazer divertimento das ações de governo passa a apoiar o mesmo e consolar famílias e à esquerda pública na Grã-Bretanha, a *Punch* então não foi uma exceção.

Este lado tendencioso da *Punch* a favor do governo, ou seja, à Rainha, foi também percebido e fortemente considerado pela imprensa europeia, em especial a portuguesa. No jornal português *Pontos nos ii* fica clara a referência da *Punch*, junto a outros periódicos londrinos entre eles o *Times* fonte da *London Charivari*, como objetos do governo, comendo na Mao da Rainha. Sendo exatamente isto que expõe a ilustração abaixo ao canto esquerdo, que tem ao longo do corpo da imagem em expressão final: “Engordem-me, que eu os engordarei!”.



106

<sup>106</sup> Pontos nos ii. *A Partilha da África*. n.º 237, 09. Jan.1890, p.04.

O convencionalismo da *Punch* pode mais ser visto nas coisas que não foram retradas. Em grande parte, a *Punch* deixou de ilustrar três aspectos da guerra.

A primeira é a ação britânica de forçar o Transvaal à guerra. Primeiramente com a desculpa das queixas por parte dos *uitlanders*, que posteriormente logo foram assumindo solução, quando então os britânicos continuamente tentaram interferir com as políticas internas de Transvaal e exigindo mais algumas mudanças. No momento em que conflitos já estavam encaminhados, foram realizadas as convenções, como a Convenção Bloemfontein, em tais convenções os ingleses fizeram assim propostas ao Transvaal que não podiam se fazer cumpridas. Quando o governo bôer estava pronto para aceitar um certo nível de concessões, os britânicos elevavam o nível de demanda, o que deixou os bôeres sem outra opção senão a guerra. A *Punch*, em suas ilustrações, apresentou os bôeres somente em declaração a guerra, induzindo estes como ponto de partida, o que daria ao leitor a impressão de que os bôeres eram o atacante. Podemos assim concluir que a *Punch* foi um tanto quanto tendenciosa ao mudar o ator agressor na Guerra Bôer.

Em segundo lugar estão as batalhas que os britânicos perderam. O que dizer dos britânicos no período de outubro? Ou em dezembro 1899, continuamente perdendo em batalhas desastrosas, especialmente entre 10 a 15 de dezembro, conhecido como a Semana Negra. Este foi um evento muito embaraçoso para os britânicos, e convenientemente, a *Punch* não tem charges sobre a Guerra Bôer em dezembro. Esta situação, no entanto é justaposta quando os britânicos foram vitoriosos na guerra a partir de janeiro de 1900. A partir de então a progressão da guerra é ilustrada a cada semana. Como já citado, a *Punch* foi assim tendenciosa em omitir os resultados negativos da guerra.

Por fim, em terceiro lugar estão os danos da guerra de guerrilha. A resistência de guerrilha é de certa forma ilustrada a partir de 1901, no entanto, seus estágios iniciais começaram no início de 1900. As vítimas não foram ilustradas pelo periódico em questão, demonstrando seu viés em não apresentar adequadamente cada aspecto da guerra, apenas o que era favorável para o lado britânico.

## **FONTES**

### **1. Punch Magazine.**

Punch Magazine. London: 1841-1901. Vol.1-121. Disponível em: <https://sites.google.com/site/punchvolumes/> (Acesso em: 26/08/2014).

Acervo de imagens Punch Magazine. Disponível em: <http://www.punch.co.uk/search-page> (Acesso em: 26/08/2014).

### **2. African Newspaper.**

Coleção retroativa / histórica em texto completo de jornais africanos, desde 1800 até 1922. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/consultasAcessos/SABERBasesAcessoRestrito.html> (Acesso em: 26/08/2014).

### **3. Anglo Boer War Website.**

Disponível em: < <http://www.angloboerwar.com/boer-war?showall=&start=1> >. Acesso em: 26 set. 2014.

## BIBLIOGRAFIA

ALTICK, Richard D. *Punch: The Lively Youth of a British Institution, 1841-1851*. Columbus: Ohio State University Press, 1997.

BRUNSCHWIG, Hemri. *A partilha da África negra*. São Paulo Perspectiva 1974.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Baurú: EDUSC, 2004.

Tradução cultural, burke

CAMPOS, Emerson Cesar de; PETRY, Michele Bete. *Histórias desenhadas: os usos das expressões gráficas de humor como fontes para a História*. Revista Catarinense de História, Florianópolis: n.17, 2009. p.117-135.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Punch*. Encyclopaedia Britannica. 2014. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/483431/Punch>>. Acesso em: 26 set. 2014.

HOBBSAWM, Eric J. *The Age of Empire: 1875-1914*. New York: Vintage Books Ed., 1989.

HOBSON, J. A. *The War in South Africa. Its causes and effects*. London: 1900.

KIPLING, Rudyard. *The White Man's Burden*. McClure's Magazine, 1899.

LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. 5 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

SAID. Edward w. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCULLY, Richard. *A Comic Empire: The Global Expansion of Punch as a Model Publication, 1841-1936*. International Journal of Comic Art, Volume 15, No.2, 2013.

\_\_\_\_\_. *Constructing the Colossus: the Origins of Linley Sambourne's Greatest Punch Cartoon*. International Journal of Comic Art, Volume 14, Number 2, Fall 2012, p.120-142.

UNESCO. *História geral da África*. São Paulo: UNESCO, 2010.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. [et al.]; (org.) VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Ana Lucia Danilevicz. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília : FUNAG/CESUL, 2010.272p.

WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.